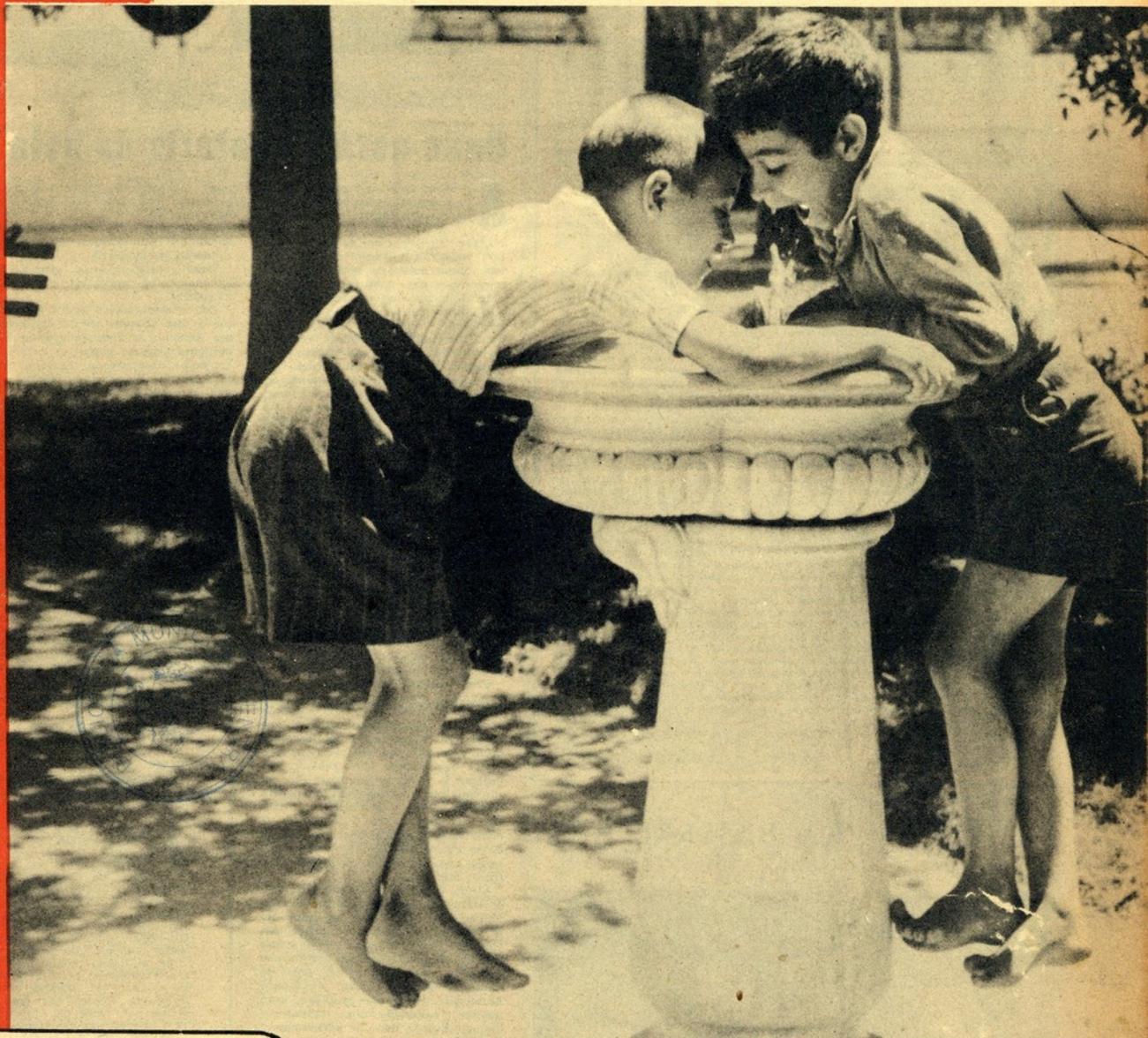


Oferta
-10. NOV. 1993

ANO IV - N.º 170
17
AGOSTO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

O BALANÇO DE SETE ANOS DE LUTA

(Ver na página 5 o resumo da história sino-japonesa)



**VIDA
MUNDIAL**

O calor aperta. Quem tem calma vai para as cervejarias, para as casas confortáveis onde se tomam bebidas fresquinhas e esquisitas de paladar. Mas, quem não tem di heiro? Estes dois garotos resolveram o seu problema da sede...

(Foto Seródio)

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

A cidade de noite

De noite a cidade é mais triste. Dir-se-ia que o silêncio, quando chega, vem envolvido em crepes. Todo o rumor se apaga. Já no Chiado, ruidoso e alegre, as portas onduladas dos estabelecimentos chiques e mundanos se cerraram e as ruas que nêle convergem vão escutando toda essa multidão que trabalha—deixando-o vazio, sem interesse. A noite galga, vertiginosa.

O sol que estendeu a sua poalha dourada fazendo rebrilhar a calçada, em cintilações de prata, vai pondo, no ponto, os tons alaranjados da sua agonia. A penumbra envolve o casario. Daí a pouco, a cidade que trabalha irá repousar. Fecham-se janelas. No Castelo, na Alfama, na Mouraria—na Lisboa madrugadora cada um procura o repouso que o dia começa cedo, logo ao bater das sete.

O sol acabou por esmaecer num céu sangüíneo. No céu, algumas estrelas brilham como pirlâmpos. Os teatros e os cinemas, abrazados de luz, estão de portas escancaradas, à espera de frequência. E ficam cheios—que a vida não está para mágoas. Cada um tenta divertir-se o melhor que pode. O que é a vida?

Sube-se lá. Filósofos e economistas tentam defini-la. No fim de grandes tratados nenhum chega, porém, a fins iguais. Todos complicam. Afinal, a vida é fácil. Todos a poderiam viver com alegria. Mas há sempre contrariedades que azedam a existência. Cada um tem um problema dentro de si. Por mais que labutem, que se esforcem, são incapazes de suprimir essa soma de adversidade que, como um ferrete do infortúnio, não os deixa de acompanhar. É de noite que o drama se adensa mais. De dia, no trabalho, o calor da forja ou a labuta do balcão arremeteu para longe o péso do drama. De noite, não. Estão em casa, entregues ao pensamento, de roda da mesa, onde o parco jantar vai ser servido. E eles, sem ser por revolta, lembram-se daquelas freguesas, cheias de jóias, frivolas, com sédas caras, que se apearam à porta da loja dum luxuoso automóvel para, sem regatearem, comprar bugingangas e veludos a preços invasivos. Nada as atemoriza.

— Quanto custa?
— Trezentos escudos o metro! — dizem, arrogantes, como se dessem afastar com a cifra aquela chusma de vaidade do balcão envernizado.

Corte três metros! Serve para uma cortina para a cozinha...
E aí é que a tortura se adensa no íntimo. Lembram-se da cozinha nas suas casas pobres—nã para Alcatraz ou para o Beato. Vêem a mulher, magra, com um vestido de chita, já enzoalhado, com a filharada agarrada à saia, a abanar o lume, que vão sendo horas do jantar.

Na cozinha, imersa em penumbra, há louça enfarruscada pendurada na parede, onde os papéis de séda vão estando denegridos das mósicas polsarem e do fumo da chaminé. E os pensamentos são de desalento. Afinal, eles trabalham. Que mais devem fazer para merecer da sociedade um pouco de conforto?

As sete horas soam, por fim. As portas fecham-se. Uma alma nova entra dentro deles. Fecham-se as portas. Guardam-se nas prateleiras os veludos e as sédas, as popelines e os tobralcos—e o desejo é igual para os que têm casa e família—abraçar os seus e dormir descansadamente, que o outro dia vai ser igual.

A noite entra na cidade. É a tristeza chega a todos os recantos. Se há vida, é nesses cafés, nesses «dancings», nesses «bars», onde o «jazz» e o «champanhe estonticam os sentidos. O resto é silêncio. Um silêncio que confrange. Já alguém reparou nas ruas de Lisboa depois da meia-noite?

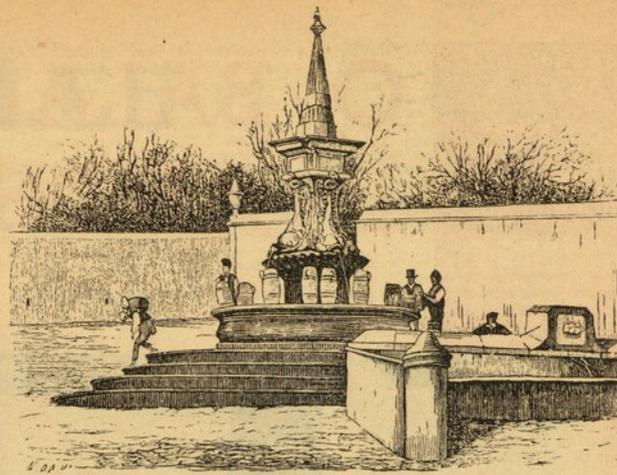
Infundem tristeza. O casario espalha um sombra baça, quasi fúnebre. Ninguém atravessa aqueles trilhos solitários. Apenas o polícia, sonolento, arrasta pelo lapido o péso da sua autoridade... ensaiada. Fátios e becros, recantos e ruas ermas, adormecem com o miar dos patos. As vezes as ruas são despertadas. Ao longe, é o grito dum sirene, o «claxon» dum ambulância—uma morte lenta dum moribundo que se acorda. Numa juna assoma uma cabeça—depois outra, outra ainda. Fala-se, comenta-se. Mas é tarde. A vida terá que se recomear na outra manhã, com impetuozidade. A cidade, de noite, inspira tristeza.

Dá vontade de lhe perguntar para onde mandou ela toda aquela gente que, durante a tarde, se comprimiu nas suas ruas barulhentas. Foram as casas de chá, foi o Chiado elegante, foram as ruas de maior comércio, foi o Rossio, foi tudo — e, afinal, a noite, tão poética, tão sentimental, expulsou dos domínios ruidosos uma multidão inconcebível. Estamos agora a lembrar que certa vez perguntaram a um escritor francês, cujo nome não nos ocorre, para onde ia tanta gente, em Paris, quando vinha de noite e as ruas ficavam desertas.

E logo elle, com graça, apontando a céu: «Para cima, senhor! E para baixo também!».

D facto, todas as pessoas ou moram em rés-do-chão ou em andares superiores...

MANUEL MARTINHO



Onde está o chafariz da bola?

A cidade de Lisboa se não é rica em monumentos muito menos é em «arquitectura de águas».

A Sulça, por exemplo, preoccupa-se imenso com esses repuxos que fazem o encanto dos turistas nas cálidas noites de verão. De facto, parece que nada melhor se pode oferecer à nossa contemplação, quando o calor aperta, do que ver a água a borbulhar, cristalina, pura, numa doce sensação de frescura. Os chafarizes de Lisboa são poucos — e alguns não passam, dum modo geral, de puros marcos fontenários. As grandes bicas, sempre a correr, conseguem imprimir à frescura na paisagem seca, empoetrada do verão ressequido... A história deste chafariz que o leitor vê na foto é curiosa. Foi a vereação municipal de 1846 que o mandou edificar no bairro de Belém. Quatro esculturas, representando golfinhos de bocas escancaradas, deixam prodigamente correr a água. Alguns atribuem que aquêle chafariz fóra o que estivera no Rossio, há muito tempo — e que assim ficava aproveitado, se havia de estar a fazer, de pedra desarmada, sem utilidade nenhuma. Chamava-se o «chafariz da bola» — nome que tem seu sabor popular, porque a intuição do povo encontrou logo designação para uma obra que tinha a coroa-lá um globo de bronze.

Por escritura, que está no arquivo da Câmara, sabe-se que o Senado comprara por 150\$000 — em 1811 — a Luis Moreira e sua mulher Catarina Antunes, um charco que estes possuíam num serrado, sito em Alcalena — e daqui a encanar para Belém, permitindo o prior do Convento dos Jerónimos que os canos passassem pela sacristia — com a condição de deixarem all água para o lavatório. O chafariz estava edificado no pequeno largo entre a praça de Belém e o largo dos Jerónimos. Assim foi, de facto, até 1837.

Como, porém, era o único chafariz existente no populoso bairro de Belém — pois que, como se sabe, dia a dia aquêles terrenos iam-se povoando com habitações — e como também a água não chegava para o consumo de tanta gente, pois de verão chegava a secar, a Câmara Municipal de Lisboa resolveu, com grande regosijo dos moradores daquêlle bairro, demolir várias barracas que havia no «Chão salgado», para se fazer um grande chafariz.

Custou a expropriação das barracas 1.000\$00 (era no Chão salgado, onde se encontra uma triste columna de arripilante memória, que os Távoras tinham o seu sôlo).

Começaram as obras no princípio de Junho de 1846 e, passados dois anos, o novo chafariz estava pronto, correndo água a jorros. Juntou-se uma grande multidão, ansiosa por ver aquela cerimónia. O vereador das águas, que era o conhecido farmacêutico do Rossio, António de Carvalho foi ovacionado pelo entusiasmo do público.

O chafariz era muito elegante. Quatro golfinhos serviam de bicas — e foram em princípio destinados

para o grandioso chafariz que se pretendia construir no Campo de Sant'Ana.

Foi seu autor o escultor português Alexandre Gomes, que tão cédo se esqueceu na modéstia.

Custou este chafariz, com novos encanamentos, materiais e salários, 11.800\$00.

Ora o interessante agora da questão é que quando foi da Exposição em Belém e se fizeram grandes demolições naquele bairro, o «chafariz da bola» desapareceu também. Não se sabe délle. Deltaram-no abaixo. Os velhos moradores daquele bairro que tinham predileção pelo seu chafariz, encontram-se desgostosos. Dizem que elle foi demolido, pedra por pedra, com o intuito de ser novamente colocado no seu primitivo lugar. O que, porém, se vê, é que já lá vão alguns anos e o chafariz não aparece. Que faz falta sabe-o toda a gente.

Era all que muitas pessoas vinham abastecer-se de água. Agora não têm o que há mais perto fica no Largo da Princesa, e o outro lá para cima, em Alcalena.

Não haverá forma, de facto, de se mandar pôr o histórico «chafariz da bola» no local onde esteve durante tantos anos?

Podê ser que sim. A Câmara compete fazer o que lhe está nas suas atribuições, consciente de que pratica uma obra de que tantos moradores do populoso bairro anseiam por ver realizada.

A REPORTAGEM DA SEMANA

Uma "matinée" num cinema popular

A porta há uma chusma de garotos. Todos gritam. Dão pulos de entusiasmo. Acendem-se os cartazes foram bem esmiuçados. A fita parece ser boa. Tem cenas de «tarefa» — e numa vé-se o rapaz amarrado, grossas cordas, enquanto ao seu lado os piratas, de chapéus desabados, grandes pistóles, se riem de satisfação. O polícia põe a maldagem em fila. Mas aquillo é um rancho insubordinado, ruidoso, que não acata ordens.

As mulheres das pevides fazem negócio. Tremoços e bólos de amendoim. Cada geral custa dez tostões. A fita tem dez episódios. Começa às três da tarde e acaba por volta das oito. Na bilheteira já o primeiro grupo é atendido. E, então, é um berreiro: «eh! Manecas! eh! Tónio! Todos gritam. Alguns ainda vêm a mastigar o pão do almôço. Outros trazem apitos, gaitas de boca. O cinema abre as portas. A campanha começa a retinir o sinal do começo. A geral está repleta. A telefonia, rouquenha, vai tocando — enquanto, com os pés, toda a assistência acompanha. O senhor fiscal, com o seu boné agalado, passa uma vista de olhos. Quem fizer barulho, é pôsto a andar. E a petizada ainda se lembra do Júlio, que lá por ser filho dum cabo da polícia pagou o bilhete e não viu nada, só por que estava com um assobio feito dum carcoço de péssego, a assoprar, dando silvos estridentes. Faz-se silêncio. Apagam-se as luzes. Na plateia, quasi vazia, há alguns senhores com meninos mais afortunados que aquêles que vão para a geral.

Mas esses meninos estão certamente a pensar que gostariam de ser como aquêles

rapazes que, sôzinhos, entregues à sua liberdade, se divertem na geral. Os projectores acendem-se. Ouvem-se as vozes dos empregados a venderem copos de água e pirlótos. Batem com uma pedra no copo e aquillo produz um som que não mais se esquece. Por fim, a fita aparece. Apagam-se as luzes — e deixa de se ouvir o ruído — apenas algum retardatário procura a sua cadeira. As primeiras imagens começam a ser movidas. Há cenas de cavalos, correrias, poelrada. A maldagem delira com dois sócos bem repuxados que o rapaz deu ao pirata. Nisto, no melhor da festa, a fita partiu-se. Acendem-se as luzes. A petizada começa num berreiro a dizer que a fita é manteiga. Daí a pouco, porém, recomeça o espectáculo. Ouvem-se palmas de aplauso. Mas logo se reconhece que a fita foi roubada.

Então, é um côro de protestos que parece não ter fim: «É sapateiro! É aldrabão! A plateia solidariza-se com a geral e faz, também, côro. Há assobios e bater de pés. Acendem-se as luzes novamente. Pelo microfone, o empresário diz que devido à fita ser antiga teve que se suprimir aquela passagem. Serenou um pouco a tempestade. Agora é uma correria de cavalos por via dum tesouro que está escondido numa mina. A rapariga já está presa e amarrada num alcapão. O cínico, que quer cusar com elle, é o chefe da quadrilha. Mas o rapaz é avisado por um pombo correio, que traz uma mensagem na anilha. Galopa no seu cavalo — que é tão inteligente como o dono. A maldagem bate palmas. Mas

quando vai a passar numa encruzilhada os piratas, que estão all emboscados, de pistóles aperrados...

Pronto — partiu-se a fita outra vez. Novo côro de protestos. Desta vez a primeira a fazer banzé é a plateia. Insulta o operador — chama-lhe, delicadamente, tudo, a começar por burro. A polícia, ordeliramente, distribue uns bofetões e põe três espectadores, sem gravata, na rua. A maldagem, muito encolhida, vê aquillo tudo. Faz-se o intervalo. Alguns espalham-se pelo bufete, à procura de gazosas e pirlótos. Dá o sinal novamente. Todos ocupam o seu lugar.

A fita vem novamente roubada. O rapaz ia a atravessar a encruzilhada — era uma das cenas dos cartazes de melhor efeito — e agora, não: estava já em casa a beijar a rapariga. Novo côro de protestos. Ouve-se o partir de algumas cadeiras, na penumbra da sala. Então, o empresário diz que quem não estiver satisfeito pode ir buscar o dinheiro à bilheteira. Levanta-se tudo. E aí começa aquella distribuição. A maldagem delira. Vai reaver os dez tostões. E com o dinheiro na mão pode comprar bólos de amendoim à mulherita que está à porta. Depois voltam para casa, quasi à noite. E aí — que eles revelam o poder engenhoso da sua inventiva: é que são capazes de contar a fita toda, só pelos cartazes, sem nada terem visto.

Leitor: quando quiseres distrair-te vai a uma dessas «matinéas» nos cinemas populares. Não vê, claro, o filme no «écran»; mas, acredita, a «fita» é toda fornecida pelas peripécias dentro do cinema.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

Por ser pitoresca e justa, publicamos a seguir a carta que um leitor nos enviou há dias:

«Eu não sei se cabe nesta secção um reparo que me ocorre, cada vez que peço em jornais estrangeiros e portugueses. Eu bem sei que é mau ter de falar em corda em casa de enforcado mas, palavra de honra que a carapuça não tem cartão de visita nem sobrescrito. E o caso das gralhas. Os senhores já repararam que não há Imprensa que refficta tão amoroso carinho por essas aves daninhas? Os jornais portugueses vêm semeados de gralhas pitorescas, mesmo muito pitorescas. Ora, eu leio jornais ingleses, francezes e americanos, e garanto-lhes que não vêm povoados dessa fauna que — vá lá — tanto pode revelar incompetência como descuido.

Serão os nossos tipógrafos menos sabedores que os estrangeiros? Serão os revisores menos competentes? Não sei, francamente. O que constato é que nos jornais — nos de Lisboa principalmente — as gralhas são de espingarda caçadeira, porque a «elásticos» não vão... Vejam agora os senhores que suplicio não passarão os tradutores de portugueses, perante essas «avis raras» — e veja o que seria de nós, os que somos tradutores de francês ou inglês, se tivéssemos de lutar contra a invasão das gralhas estrangeiras!

JOÃO LOPES CABRITA

É a segunda vez, sr. director, que escrevo para os jornais, solicitando a intervenção da Câmara Municipal e da Direcção Geral de Saúde. O que se passa na rua Ilha do Príncipe, ao Bairro das Colónias, é simplesmente deplorável, depois que a Câmara vendeu uma parte

dos terrenos do lado fronteiro à maioria das casas de habitação. Como já tive ocasião de informar, abriu-se ali uma grande bocarra, arrancou-se o saibro e a areia — e tudo ficou assim, de há dois anos a esta parte. Agora, imagine o que passaram os moradores daquela rua, nos dias de vento, com as casas constantemente invadidas pelas areias — já não se trata de poeira! — que têm de ser apanhadas à pd! As janelas não podem estar fechadas, porque o calor é muito — e abertas, é um deus a dar terra...

Mas, não é tudo — e que podia ser remediado, se fôsse os donos do terreno obrigados a erguer ali ao menos um tapume, mesmo porque a terra invade a rua e os garotos fazem daquillo um parque de diversões, cavando e levantando ondas de terra. Pois, tão mau como tudo isto, é o facto indecoroso que passo a narrar pela segunda ou terceira vez: ficou no terreno uma espécie de cova enorme, donde, quem passa, resolveu fazer mictório público. As cenas indecorosas a que se assiste das janelas não podem ser descritas. E como ainda não é tudo e a população das ruas limitrofes resolveram fazer do local vasadouro público, ai está mais uma razão porque as janelas dos prédios da rua Ilha do Príncipe terão que ser pregadas dentro de pouco tempo, se não forem tomadas as respectivas providências. O cheiro que dali se evola é simplesmente insuportável. De vez em quando, as bajoradas causam vômitos, invadindo as casas à hora das refeições, proibindo-nos de nos servirmos das varandas para toma* um pouco de ar, nas tardes frescas. E porque a chusma de mosquitos envenenados é tamanha — aqui tem ainda a última das razões que atribulam os moradores da rua em questão, e que por diversas vezes já apelaram para as autoridades, através da Imprensa, pelo menos.

Em que terra vivemos? Na capital de Portugal? Pois não parece...

UM MORADOR DA RUA ILHA DO PRINCÍPE.

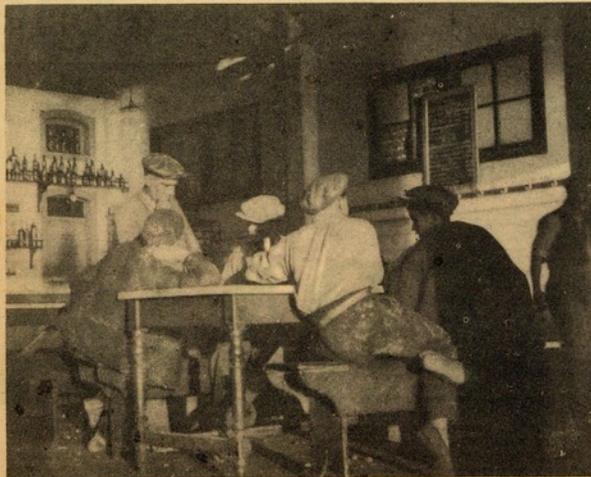
VESTIDOS DE CHITA



As chitas portuguesas, de tão belas tradições, que ficaram célebres em Alcobaca e que parecia terem morrido, no gosto das portuguesas, querem agora ressuscitar. Lindas, floridas, alegres, discretas ou gritantes, delicioso ramalhete dos mais belos esmaltes dos nossos campos — as chitas ressuscitam, como um apêlo da industria portuguesa à moda caprichosa, numa hora em que é preciso contar apenas com o pão do nosso arcaz e o azeite da nossa candeia humilde. Há dias, por iniciativa do «Jornal de Notícias», do Porto, os vestidos de chita desfilarão perante um júri que elegeu a princesa das castu-reiras, como o fizeram outras cidades. Essa seguirá para o Porto a conquista do ceptro de rainha — e de um dote de 5 mil escudos.

Quatro fotos de Seródio: a primeira dá-nos o júri; a seguinte um grupo de concorrentes; a penúltima, dez classificadas; e a última um aspecto da assistência).

HOJE HAVERÁ PASSARINHOS?



Conquista fundamental

RECENTEMENTE, o general Dittmar, que é um dos comentadores mais ouvidos no rádio alemão, pôs concretamente esta opinião, como justificativa dos êxitos militares obtidos, nos últimos tempos, em todos os teatros de operações, pelos exercícios da coligação anti-alemã.

— O inimigo apostou-se da nossa tática, e não se deu conta nós... Já depois disso, o dr. Goebbels, nos seus artigos para o semanário «Das Reich», pôs o mesmo ponto de vista em termos semelhantes.

Efectivamente, se a primeira fase da guerra se caracterizou pelo abraçadabrante «blitz» alemão, é fora de dúvida que, tanto a ocidente como a leste, na França, na Polónia e na Rússia, o comando alemão repetiu sempre com igual êxito a mesma manobra: batalha de retora, batalha de cerco e de aniquilamento. A rotura de Sedan levou as flechas motorizadas alemãs a galgarem todo o sistema de rios e canais, até Abeville, na costa, cercando o grupo de exércitos anglo-franco-belgas, que só pôde escapar à destruição total pelo milagre de Dunkerque — a existência de um porto fortificado e a presença de uma frota numerosa e tripulada por homens decididos e experientes, ao mesmo tempo que, do lado dos Aliados, aparecia pela primeira vez uma cobertura aérea em condições. Mas a retirada de Dunkerque, se permitiu que se salvassem milhares de homens, não pôde impedir que se perdesse a organização desses homens e o seu próprio valor de conjunto, como estrutura militar. Ficou, apenas, um resíduo, uma célula, um ponto de partida — e a endurance da experiência. Nos campos de batalha de leste, Bialystok, Minsk e Pinsk são nomes que ficaram como recordação inapagável de contendas terríveis em que se fez o cerco e a destruição de grandes massas de homens e de material.

Se é certo que a manobra perdura, a força de repetida, as características de novidade e de surpresa, não pôde impedir que se superioridade de meios de que dispunha o comando alemão, assim como a incontestável pericia com que escolhia as oportunidades e a decisão com que as tropas, no terreno, se apressavam a executá-las permitiram que o êxito se repetisse com uma inflexibilidade impressionante e inalterável.

A batalha de Stalingrado, que marcou a mudança de sinal na marcha do acontecimento, não foi, totalmente, uma batalha do mesmo estilo, em cada uma das suas fases. Enquanto os exércitos alemães, que estavam em recuo, começaram por operar no sentido da estabilização e do desgaste, concluindo por contra-atacar com vista ao cerco e aniquilamento. Foi, em todo o caso, a primeira vez que o exército alemão sofreu as consequências de uma tática que apenas estava habituado a impor. Depois disso, seguros da nova experiência e senhores de uma superioridade de material que dia a dia se tem afirmado, os dirigentes militares aliados, tanto a leste como a ocidente, têm podido aplicar a desenvolver com eficácia o mesmo desenho de movimentos de que, em 1940, foram eles que sofreram as consequências.

Agora, a nova campanha da França ilustra completamente esta versão. A rotura operada pelos americanos ao sul de Avranches, seguida de um movimento rápido, em direcção ao mar, sobre Saint Nazaire, a isolar a península da Bretanha, ao mesmo tempo que outras colunas, de grande mobilidade, eram encaminhadas para cada um dos grandes portos da região e ainda outras ficavam para orientar e tomar a rama de Paris, é um conjunto audacioso — género frasco de tinta estornado, para repetir uma imagem que se afigura bastante expressiva — e é, ao mesmo tempo, o estrondear de uma convicção de superioridade de meios e domínio de manobra.

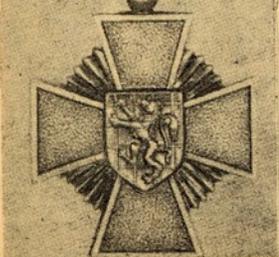
Em boa verdade, os alemães, na fase actual da guerra, têm cedido muito terreno aos seus adversários — mas, se há conquista de que estes se possam ufanar, essa será, precisamente, a revelação da sua própria capacidade de execução, em termos de que se supunha só ser capaz o génio militar nascido e criado nas academias alemãs. Dittmar e o dr. Goebbels, em tom categorico, como explicação dos reveses que o exército alemão tem sofrido, repetem que so inimigo se apossou da nossa tática e se serve dela contra nós...

O certo é que, se a concepção estava em contradição com as lições de 1914-1918, não era difícil fazê-la entrar em experiências mais recentes, quando a cavalaria — a cavala... — era a «élite dos exércitos». Se o esquema, por isso, era acessível, a realização só podia estar na mão de quem tivesse ao seu dispor o grande peso de engenhos — o cavalo-vapor... — que são a cavalaria moderna. O poder industrial das Nações Unidas é que ditou, em última análise, a decisão. Eis uma tese que, posta em 1940, pôde ter parecido audaciosa, mas a que os factos se encarregaram de dar uma confirmação que está à vista de todos. — J. R. S.

BÉLGICA

A CRUZ DOS EVADIDOS

QUANTO heroísmo não é preciso para fugir à perseguição do inimigo, aos perigos da luta corpo-a-corpo ou da emboscada? Os jornais estrangeiros todos os dias falam da odisséia de evadidos do território ocupado — verdadeiros heróis desta guerra que levam aos governos e às forças aliadas preciosos elementos para a reconquista da Europa e um verdadeiro apoio moral que não é para desprezar. Para honrar a coragem dos belgas que têm conseguido escapar-se do território ocupado, o governo da Bélgica estabeleceu em Londres criou a «Cruz dos evadidos» — uma condecoração especial que não brilha ao peito de quantos a desejariam merecer. A foto dá-nos essa singela condecoração que ostenta ao centro as armas do Rei dos Belgas.



AMÉRICA

Onde as cidades em guerra se aproximam...

A América é um grande país de emigrantes. Milhares de cidades, de povoados, foram fundados por povos europeus que emigraram e triunfaram nesse país. Tal como no Brasil, onde os portugueses deram a terras brasileiras nomes de vilas, cidades e aldeias de Portugal — nos Estados Unidos existem inúmeros aglomerados com os nomes de terras europeias. Assim, por exemplo, no Estado de Ontário, Londres e Berlim, que pelos modos se entendem melhor que na Europa, distam apenas 80 quilómetros, e Genebra fica a 200 quilómetros de Moscovo, no Estado de Iowa. A título de curiosidade, informamos que há, nesta grande república federativa, 2 Amsterdão, 4 Andorra, 11 Atenas, 3 Belgrado, 7 Berlim, 2 Berne, 1 Bruxelas, 3 Damasco, 3 Dublin, 1 Jerusalém, 5 Lisboa, 12 Londres, 3 Madrid, 6 Moscovo, 1 Oslo, 10 Paris, 1 Riga, 7 Roma, 1 Estocolmo, 8 Varsóvia, 7 Viena.

Há ainda outras, Napoleão, Bismark, Babilónia, Waterloo, Belém, Menfis, Bâton-Rouge, Grand-Couteau, Eureka, Cartago, Independência, Coração de Elena, Liberdade, Felicidade, Garibaldi, Sorriso, Manilota... Não haverá mais nada que acrescentar à América?

AS MULHERES NAS CONFERÊNCIAS DA PAZ



TODOS sabem que a sr.^a Roosevelt é uma leal servidora da sua pátria e das causas justas da humanidade. A sua acção como primeira dama da América, pode situar-se num alto plano construtivo e considerar-se dos mais eficientes resultados, na defesa dos interesses da mulher. Como muitas outras que trabalham, a sr.^a Roosevelt está, porém, no feminista. Mas está dentro dos mais objectivos e imediatos problemas do mundo — o que, não sendo ela feminista, lhe dá muito mais valor. Recentemente, a esposa do Presidente Roosevelt iniciou uma série de artigos que estão a ser largamente divulgados entre as nações unidas: a mulher deve fazer-se representar nas Conferências da Paz — defende Eleanor Roosevelt.

Esta opinião, vinda de um país onde a mulher toma parte nos negócios públicos, reveste-se de uma certa autoridade. Escreve a esposa do Chefe do Estado americano: «Os homens fizeram e fazem a guerra. E apenas justo que as mulheres ajudem a fazer a paz. Porque elas são, a par das suas funções naturais, as grandes conservadoras da vida — dessa vida que os homens dissipam. A rainha Elisabeth, a sr.^a Churchill, Lady Reading e muitas outras mulheres inglesas estão preparadas para conduzir certos problemas do mundo no após-guerra. Certamente, a rainha Guilhermina da Holanda e a princesa Juliana são, no mesmo modo que as vimos nas conferências de Hot Springs e de socorro aos países ocupados. Todas as nações são conduzidas, em primeiro lugar, segundo os seus interesses e, sob este aspecto, as mu-

lheres não serão diferentes dos homens. Mas os homens julgam, muitas vezes, que o nosso interesse consiste em conquistar mais poder...

E impossível que tenhamos outros sentimentos? Que para nós o interesse seja dar a todos um futuro um pouco melhor? É assim, e principalmente, porque nós atribuímos um preço muito mais elevado à conservação da vida, que à conquista do poder. As mulheres encontrarão sempre um meio de cooperar — nos casos em que os homens pensam apenas em dominar.

E a sr.^a Roosevelt termina o seu artigo, depois de evocar as obras das grandes rainhas de Inglaterra, afirmando convictamente: «Mais: não apelo só para a presença das mulheres nas Conferências da Paz mas em todas as reuniões referentes aos problemas do após-guerra — não para se opor aos homens, mas para trabalhar com êles...»

Decálogo ALEMANHA do soldado alemão em gozo de licença

SEGUNDO lemos no «Illustré», de Lausanne, um grande jornal americano recebeu do seu correspondente na frente italiana o decálogo do soldado alemão em gozo de licença, encontrado nas algibeiras de um germânico, feito prisioneiro em Cassino. Esse mesmo jornal põe em destaque as extraordinárias qualidades do soldado do Reich, a sua força de vontade e a sua coragem, manifestadas em combate e em gozo de licença. Eis os dez mandamentos:

- 1.° — Em casa mostra-te entuslasta e digno de confiança, como o mostras e és no campo de batalha.
- 2.° — Se te preguntarem quando acabará a guerra, responde que quando a tivermos ganho.
- 3.° — Se surdo aos boatos fantasistas que chegarem aos teus ouvidos.
- 4.° — Trata como o merecem aqueles que fazem do alarmismo profissão ou que têm sempre um ar alarmista.
- 5.° — Lembra-te das dificuldades que a guerra impõe na frente interna e mostra respeito pelas mães e pelos trabalhadores do Reich.
- 6.° — Se te parecer que qualquer coisa não vai bem, evita ser juiz. Talvez haja razões que tu desconheças.
- 7.° — Aos que se confessarem cansados, responde: «o vosso pessimismo fez-nos perder a guerra no inverno de 1941, no inverno de 1942 e no ano passado. Para ganhar, é preciso lutar bravamente e não cobardemente».

8.° — Quando te fizerem perguntas a respeito das batalhas em que tens tomado parte, fala só dos teus episódios brilhantes ou das vitórias alcançadas pela tua unidade. Porque tudo quanto de bom disseres, servirá só para reforçar a confiança daqueles que te escutam.

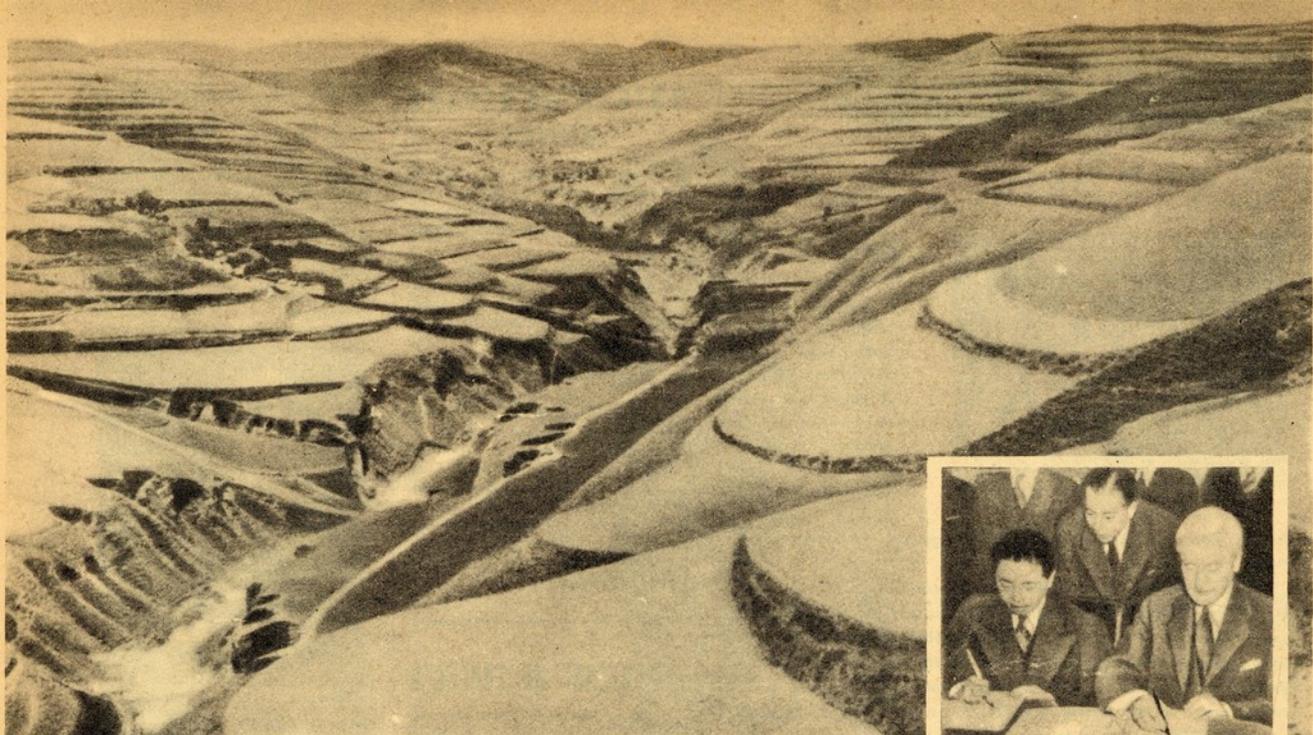
9.° — Se, de tua casa, te tiverem escrito contando qualquer coisa que possa prejudicar-te, em lugar de te enervares, espera tudo poder esclarecer no teu regresso.

10.° — Lembra-te de que o povo do Reich julgará a Wehrmacht pelo que tu disseres. Sê, portanto, digno do teu exército.

Menos petróleo

SEGUNDO as estatísticas publicadas na Bélgica, e que «La Belgique Indépendant» conseguiu obter, o Reich dispôs este ano de muito menos petróleo — o que, aliás, não é de admirar, dados os ataques permanentes às grandes refinarias da Roménia e aos seus jazigos do petróleo. As cifras são as que seguem, referentes à produção romana:

1939...	6.225.000	toneladas
1940...	5.759.000	»
1941...	5.496.000	»
1942...	471.000	»
1943...	445.000	»



Esta magnífica foto do vos a ildeia da imensidade de China — uma imensidade que serve de arma contra o Japão, na estratégia de Chang-Kai-Chek. No ângulo da direita, vemos o secretário americano Cordell Hull, assinando, em 1943, com o embaixador chinês Uei-Tao-Ming, o acordo que abole o regime de concessões americanas na China.



O balanço de sete anos de luta CHINA

COMO foi? como se iniciou essa terrível batalha de chineses e japoneses? Um simples incidente. Uma coisa de nada: os soldados japoneses encontravam-se em manobras. Um pequeno conflito rebentou com os guardas das fronteiras — rastilho que se incendiou porque a tensão existia. Isto foi a 7 de Julho de 1937 — portanto, há mais de 7 anos. Este banal «casus belli» precipitou a invasão e era consequência das lutas que, já desde 1931, se vinham arrastando — desde ou antes mesmo da conquista da Manchúria pelos japoneses, diante de um exército que parecia não poder bater-se, diante de uma força que parecia inutilizada pela anarquia a que o país chegara.

O Mikado de um lado, a Rússia do outro — tinham os seus planos e para alguma coisa haviam de servir. A rivalidade, de resto, entre as duas grandes potências separadas — ou unidas? — através da China, não é de hoje nem de ontem mas de sempre.

O que foi, a partir de 7 de Julho, essa luta sino-japonesa está escrita na história. Os exércitos nipónicos mostraram toda a perfeição da montagem da arma de guerra e avançaram como aconteceu à Alemanha na Rússia, até às profundezas do solo chinês. A vitória parecia fácil, pois. Mas a distância a que ficaram das bases — como na Europa de todos os séculos, quando a Rússia constituiu presa de ambiciosos — e como não venceram até ao momento em que Chang-Kai-Chek pôde vibrar os primeiros golpes não deu aos japoneses a decisão da luta.

Pequim, logo no princípio das hostilidades, e Xangai no verão de 1937, foram os dois primeiros grandes golpes. Depois, durante o inverno seguinte, coube a vez às grandes planícies do norte, até ao rio Amarelo, mais tarde as regiões banhadas pelo rio Azul e, finalmente, no verão de 1938, Nanquim, a capital de Chang-Kai-Chek, era submetida à força japonesa. Era, com a sua queda, calcado o símbolo nacionalista chinês que ali defendera as suas liberdades. Agora, Nanquim ficava devastada, com os enormes e populosos bairros em chamas, parecia que até à consumação do último edifício. O túmulo de Sun-Yat-Sen, o fundador da república chinesa, desaparecia sob a metralha, lá diante, na Montanha Vermelha — e Chang-Kai-Chek retirava, sob a pressão inimiga. A resistência, porém, não quebra e ergue novas muralhas, bem longe, na província de Szechuen, onde Chung King é erguida a capital da República.

batalha contra um país desorganizado, fragmentado e sem preparação para a guerra? Se os japoneses quisessem empregar uma estratégia decisiva podê-lo-iam fazer? Talvez não. À fraqueza do adversário era como a areia movediça que custa muito a transpôr, porque os chineses despertavam para uma missão de sentido secular, fortes no seu patriotismo, fortalecidos pelo exemplo de Chang-Kai-Chek. Os franco atiradores surgiam em emboscadas, nas clareiras e nas sombras das florestas — e os japoneses, longe das bases organizadas, não podiam defender-se como deviam da resistência que a retaguarda lhes oferecia. Quantos milhares de japoneses desapareceram assim nessa luta de emboscadas, surda, lenta, e persistente? As listas fornecidas pelos dois adversários não conseguem chegar a acordo — e, entretanto, a guerra

continua, porque os japoneses têm hoje um grande objectivo a conquistar: Chung-King, o maior centro de resistência organizado e a alma da China nova. Hoje, porém, a China não está só: as tropas que combatem sob os ordens de Lord Mountbatten detêm os japoneses e asseguram a existência das grandes vias de comunicação indispensáveis à resistência chinesa — na Birmânia, em especial — mantendo ao mesmo tempo os japoneses em respeito na fronteira da Índia, enquanto as forças anglo-americanas e chinesas descem, seguramente do norte, sob as ordens do general Stilwell. As forças em presença podem, assim, situar-se: os japoneses ocupam solidamente os caminhos que conduzem ao coração da China nacionalista — ou seja, Chung-King; Chang-Kai-Chek dispõe, para seu fornecimento de armas e comunicações com

o mundo aliado, da imensidade dos ares que lhe leva importantes socorros — e, ainda, os caminhos longos e difíceis das estepes do Indostão. A situação é portanto difícil. E, por isso, a sr.^a Chang-Kai-Chek, amiga da América e estimada pelos americanos, foi o ano passado aos Estados Unidos, como embaixatriz, para expôr a situação do seu país. A asfixia da China faz-se por compressão lenta. A sua voz melodiosa de mulher fêz-se ouvir e todo o mundo compreendeu que era preciso intensificar o auxílio à China. Por outro lado, como vivem as regiões ocupadas? Os Japoneses, na maioria dos casos, fazem como a Alemanha: nomeiam um «governo fantoche» para cada uma das repúblicas que vão constituindo e de que nos dá exemplo a Manchúria, governada, sin nomine, por Uang-Ching-Wei.

Um outro aspecto, porém, se revela aos estudiosos dos fenómenos desta guerra: o dos grandes êxodos. Supõe-se que dos 50 ou 60 milhões de fugitivos às tropas invasoras, 25 milhões morreram sem combate, vítimas da fome, das epidemias, de desastres, do frio ou de calor. Esses que não morreram acomodaram-se nas regiões do sudoeste, onde levaram os instrumentos do progresso, porque eram todos indivíduos de outros meios de cultura. Intelectuais, técnicos e agricultores levaram às regiões do sudoeste um alto nível de progresso que está a revelar-se nos processos de cultura do solo, na exploração de minas e das indústrias, no comércio e no ensino.

Crê-se que este progresso não é devido, todavia, ao desenvolvimento exclusivo das facultades de inteligência e trabalho dos chineses, mas à aproximação dos povos, até aqui dispersos numa China muito grande. A raça refunde-se, o estado fortifica-se e a nação cria homogeneidade à volta de Chang-Kai-Chek. Quem duvida de que Chung-King não será o centro de uma nova civilização asiática? A sua força consolida-se e os seus propósitos não estão encobertos: a China quer ter a grandeza de há cinquenta anos atrás. Por isso a América, em 1943, satisfazendo esta ambição, renunciava, por acordo oficial, ao regime das concessões americanas na China. Os Aliados seguiram o exemplo da América, satisfazendo assim o amor-próprio chinês — mas a Rússia, que não estava presente à Conferência do Cairo, não se manifestou ainda a tal respeito. Segundo as pretensões chinesas, regressarão à China a Formosa, a Manchúria e a república soviética da Mongólia.

POLÓNIA

UMA CIDADE DE QUE SE FALA

A guerra actual, que está a tomar extraordinário desenvolvimento e aspectos verdadeiramente sintomáticos, trouxe para as primeiras páginas o nome da cidade de Lwow, agora já em poder dos alemães. Fundada no século XIII pelo príncipe Daniel de Halich para oferecer a seu filho Lev — e deste lhe vem o nome — Lwow tornou-se polaca cem anos depois, após a vitória de Casimiro, o Grande, contra os tratadores que a haviam conquistado.

Quantas batalhas, porém, se feriram depois no solo de Lwow, tão intimamente ligada à história da Polónia! E por que sempre, os seus filhos se orgulharam da cidade que os viu nascer, sempre lhe deram o seu sangue num alto espírito de sacri-fício pela pátria. De facto, foram sempre dos primeiros os patriotas de Lwow que tem por divisa uma frase expressiva: *Leopoldi semper fideles*.

Mesmo quando no século XVIII passou para o domínio da Áustria-Hungria que a arrancara ao território polaco, esse fundo sentimento patriótico não se desvaneceu, erguendo-se mesmo, quando em 1918 a Ucrânia a governou de 1 a 22 de Novembro...

A antiga Lemberg — era assim que os austríacos a chamavam — passou, depois, ao domínio definitivo — tudo fazia crer, pelo menos,

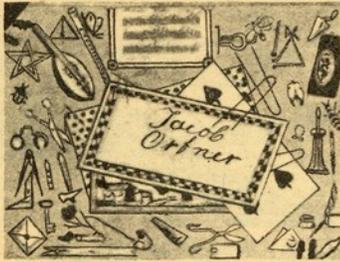
que o seria — da velha mãe-pátria que era a Polónia. Lwow conservou-se, de facto, polaca, até 1939 — que foi quando a aliança germano-russa, depois da queda da Polónia, a entregou à Rússia. Mas, a partir de 1941, o destino trágico da cidadela — partir esparia-se por outras linhas — a Alemanha era inimiga da Rússia, avançara pelo território russo, tomara-lhe aquilo que lhe dera. E Lwow foi tomada e permaneceu sob o domínio alemão até há pouco, que foi quando a Rússia avançou pela Polónia.

O projecto de Lord Curzon, em 1921, deixava Lwow à Polónia, pois a cidade, entre os seus 320 mil habitantes — em 1939, claro — contava 210 mil polacos, 75 mil israelitas e 35 mil rutenos.

Cidade universitária, sede de três arcebispados, de uma escola politécnica e de uma academia de Belas-Artes, Lwow foi sempre um centro de cultura de ideais e de espírito. Aqui e ali; faz lembrar Florença, por causa das suas belas igrejas, dos seus palácios e edifícios antigos. Por isso, talvez, foi a cidade favorita dos reis Casimiro, o Grande, e de João Sobieski. Mas, não obstante ser uma cidade intelectual, não deixa de ocupar lugar destacado como centro industrial, à cabeça das grandes regiões petrolíferas e mineiras da galícia meridional.

COCKTAIL

O que será "isto"?...



tesouras, pinças, lunetas e mil outras pequeninas e extravagantes coisas.

Se lhes dissermos que estão diante de um cartão de visita, são capazes de não acreditar. Mas é verdade. Tudo «isso» é o cartão do senhor Jacob Orbner. E não pense que o senhor Orbner era maluco ou cabotino. O senhor Orbner era, apenas, um pacato cidadão que viveu no final da época romântica — e como quasi todos os «seigneurs» desse tempo, usava aqueles cartões de visita. E é tudo. Nem excentricidade nem loucura. Moda. Moda unicamente.

Cada um daqueles objectos tem uma significação. Em vez de dizer, como hoje: senhor Jacob Orbner, médico, director de X, laureado por Y, membro de W, sócio efectivo de Z, comendador da Sagrada Ordem A, B, C, etc., etc., simplifica ou complica, como quiserem, o cartão, desenhando aquela série de hieroglíficos.

Por este cartão, os senhores de época, quando recebiam o cartão do senhor Orbner, por exemplo, sabiam logo estar na presença de um sábio, mas que também sabia tocar bandolim, por música, (lá está a pauta, a indicar) e que, para se distrair, gostava de jogar as cartas.

E jácui, não é?...

Diante deste exemplo, os nossos senhores de hoje já não há que terem vergonha de possuírem cartões de visita com títulos, posições, cargos e sabe-se lá o que mais. O exemplo já lá vem de trás. E isto, parecendo que não, é uma esplêndida desculpa para o exibicionismo vaidoso e ridículo dos tais senhores...

BOM REMÉDIO... UM PEIXE ESTRANHO

UM juiz americano que exerce a sua missão em Brooklyn, autorizou uma mulher que reside na sua circunscrição judicial, a bater no filho com uma régua de madeira. Segundo informou a mãe, o filho é um bêbado incorrigível.

O referido magistrado é de parecer que uma correção é o único remédio capaz de fazer regressar ao bom-caminho este rapaz, mas a régua não pode ser de comprimento nem de peso maior do que o determinado por ele.

Resta dizer que o filho desta senhora tem 31 anos...



O CONTINUO — A sessão do Congresso começou há dez minutos. Pego o favor de entrar sem fazer barulho.

UM DISTRAÍDO — O quê? Há 10 minutos e já estão a dormir?

ORIGEM DE ALGUNS NOMES

É muito difícil dizer a origem de alguns nomes próprios. Por mais que se busque a «causa», depara-se, apenas, com impenetrável mistério.

Tdavia, alguns nomes têm já a sua explicação. Por exemplo: Amadeu, de origem latina, quer dizer: o que ama Deus. Cândida, do adjetivo latino candidus, significa immaculado. Francisco, deriva do germânico franc, que significa livre. Indício: a etimologia deste nome ainda não foi precisada, mas o mais provável é que deve estar vinculado ao vocábulo latino ignis, que significa fogo. Leonilde, do grego leou e do sufixo germânico hildi, quer dizer: o que combate com o leão. Liliana, do substantivo latino lilium, que significa lírio. Luciano deriva de Lúcio, o qual, por sua vez, procede do latino lux, que significa luz.

O MARECHAL NO CONCERTO

Vichy foi, em 1940, um lugar austero e calmo. Os teatros fecharam e um só concerto foi autorizado, porque revertia a favor dos prisioneiros. Esse concerto marcou-se para a sala do Casino que não voltara a abrir, depois que o Governo tomara assento em Vichy. Cortot era a grande figura anunciada para o concerto. Os lugares tinham sido alugados com muitos dias de antecedência e, a ocupar o seu, apareceu o marechal Pétain. Fazia um frio incómodo — um gráu abaixo de zero. O Dr. Ménétrél, chefe do Secretariado particular do marechal e seu médico, levava consigo um pequeno esquentador eléctrico que colocou a pequena distância do marechal. Este, percebeu-o e protestou: — Sou um oficial de infantaria. Um oficial deve sofrer com os seus homens. Leve isso, meu caro Doutor...

O Dr. Ménétrél obedeceu mas, daí a bocado, quando o marechal ouvia atentamente o grande artista, voltou a trazer o esquentador. É claro que Pétain, mal deu conta, protestou enérgicamente. Mas, então, o Dr. Ménétrél respondeu:

— Como secretário, inclinet-me e levei o irradiador. Como médico, protesto. E, se isto não lhe basta, sr. marechal, mostre-me na sala os seus «proluis» de 85 anos!

com que a cintilante imprensa de Viena regalou os seus leitores. Há meses, um rico negociante de bicicletas declarava-se a uma encantadora rapariga de Viena. Sentindo o seu fim próximo, o nosso homem, antes do casamento, legou à sua noiva uma quantia de 300.000 francos e uma parte do seu mobiliário. O negociante morreu.

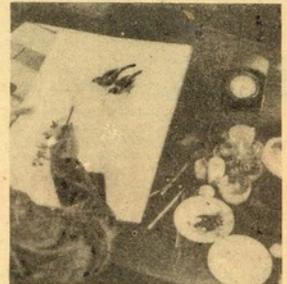
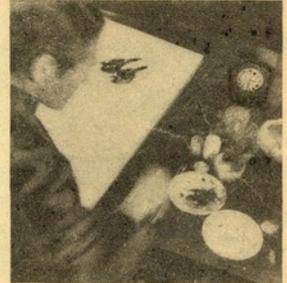
A noiva, depois de o ter chorado muito, entrou na posse da herança e do mobiliário; e, como algumas cadeiras não estavam em bom estado de conservação, confiou-as, para restaurar, a um tapeçeiro vienense. Ora, ao recompor uma das cadeiras, este encontrou alguns maços de notas e o recibo duma quantia de 50.000 francos colocada num banco. Encantado com a sua descoberta, quis fazer negócio com o dinheiro, exigindo à sua cliente 20% da quantia encontrada. Quanto aos títulos não quis entregar nenhum deles, o que lhe valeu a prisão.

O caso fez grande ruído em Viena. E afirmam os jornais que muitas raparigas e rapazes solteiros e casados, tendo herdado móveis velhos, a desconjuntarem-se, os reduzem a bocados, na esperança de lá encontrar qualquer tesouro escondido...

UMA BELA PINTURA EM CINCO MINUTOS

O professor Chang Shu-Chi é um dos maiores pintores da China, mestre da National Central University, de Chung-King. Reparem, não só na graciosidade do seu trabalho, mas também na rapidez como o executava. Esta bonita pintura chinesa foi executada apenas em 5 minutos. As fotos e o relógio, sobre a mesa, indicam as várias fases e o tempo levado desde o início até à conclusão do trabalho.

Serão capazes de fazer o mesmo?...



COMO NAS MIL E UMA NOITES...

Era uma vez uma noiva muito bonita, uma cadeira muito velha, um tapeçeiro sem escrúpulos e um negociante de bicicletas, apaixonado...

Assim poderia principiarmos — à maneira das Mil e uma Noites — uma das mais extravagantes aventuras

LADRÕES... À SÓLTA



Conta do almoço referente a dois sujeitos que foram um dia destes almoçar a Cascais:

Pão e manteiga	8\$00
Aperitivos	40\$00
Filetes de peixe (uma dose)	26\$00
Um bife	42\$00
Uma garrafa do Luso	5\$00
Vinho (sem marca especial)	28\$00
Um chá	4\$00
Um café	2\$50
Fruta (duas doses)	16\$00
10% para o criado	17\$50
Turismo	5\$50

Soma 194\$50

Não será possível conseguir uma vaga em qualquer cadeia para o dono deste «restaurant»?

EM ESPANH A



Piló, o autor dos bonecos de madeira que trazem o seu nome, esteve duas semanas em Espanha. Madrid e Barcelona receberam-no, e aos seus bonecos, de braços abertos. Quando ia a entrar no avião, de regresso a Portugal, uma madrileña gritou-lhe ainda:

- Mi quieres mucho, Pepito?
- Más que a los muñecos!
- Ay, que portuguesito más farso!

Na verdade, Piló, depois da família, o que mais ama — são os seus bonecos

AMARANTE ADORMECEU



Estavam Amaran-te contava um dia destes numa roda de amigos, que uma noite no Avenida, em certa cena da opereta «O Zé do Telhado» adormeceu!

Foi Laura Alves (que com ele contracenava) quem o acordou cantando:

O sono só favorece
Quem
Ao lado uma boa «estrela»
Tem...

Etc.

A U S E N C I A S



Joaquim Paço de Arcos, cujo nome está sólidamente firmado como romancista, de vez em quando envolve-se na capa de Arlequim — e faz teatro.

A sua última peça «O Ausente», que conheceu a luz da ribalta do Nacional, acaba de vir à luz da publicidade das livrarias. O curioso é que o seu autor lançou o volume, e, no dia seguinte, ausentou-se para a Granja — o que nos leva a concluir que vo ausente é, pelo menos agora, o próprio Joaquim Paço de Arcos...

CALÇADA DA GLÓRIA



(Caricatura de Santana)

O homem das Janelas Verdes

NO dia 29 de Abril de 1892 — por consequência em plena primavera de há 52 anos — nasceu em Coimbra, na Coimbra do luar, dos doutores e das guitarras, um «bebé» que, pouco depois, aparecia, muito presunçoso, com uma carta de bacharel em direito debaixo do braço esquerdo e uma carta de licenciado em letras debaixo do braço direito. Preguntaram-lhe o que elle queria ser e elle não hesitou na resposta:

— Quero ir para um museu...
Parecia um enigma esta frase, mas não era. O que elle queria dizer na sua, segundo os investigadores e as pitonisas chamados a decifrar o caso, era que a sua tendência se manifestava em relação às coisas de arte e que, se o não metessem num museu, não satisfariam a única ambição, aliás legitima, da sua vida. Fizeram-lhe a vontade — e cremos que ainda ninguém se arrependeu disso. Quem fôr ao Museu das Janelas Verdes lá o encontra, numa das salas, entre um cadeirão de espaldar e um bufete D. João V, tendo presa ao péto esta etiqueta elucidativa:

JOÃO COUTO
Director do Museu de Arte Antiga

E quem quiser conhecer-lhe a biografia não tem mais do que ir à Torre do Tombo e percorrer o Livro dos Coutos... e Honras!

VESTIDOS DE CHITA



Por iniciativa do Jornal de Notícias do Pôrto, realizou-se ultimamente no Ginásio uma sessão de homenagem ao modesto «Vestido de Chita».

Não faltaram «toilettes» alegres, primorosas de corte — e algumas dezenas de caras bonitas. Mas — preguntamos nós — se pega a moda não estarão daqui a pouco os vestidos de chita mais caros do que os vestidos de sêda?

T R I U N F O



A Emissora Nacional abriu, há semanas, um concurso para locutores. De duzentos concorrentes, ou perto disso, chegaram às provas finais — sete.

Dos sete foram escolhidos dois, entre os quais se conta Domingos Lança Moreira. Apesar de ser há muito um familiar da Rádio, nem por isso o seu triunfo é menos significativo. O certo é que já por aí lhe chamam o Domingos Lança... em Africa!

O ELOGIO DA OCIOSIDADE



O autor da «Severa» e das «Rosas de todo o ano» que foi sempre um trabalhador infatigável fazia, há dias, no Comércio do Pôrto o elogio académico da ociosidade. «Sem gente ociosa seria impossível todo o progresso humano. Se desaparecesse o ocioso — e, sobretudo, o ocioso rico — não haveria consumidores para as coisas esplendidamente supérfluas que constituem a flor da civilização.»

É isto mesmo. A preguiça não é apenas, como dizem os filósofos, a mãe de todos os vícios: é também, pelo menos segundo o sr. Dr. Júlio Dantas, o pai de algumas virtudes.

A MANIA DOS ÓCULOS



Os olhos pretos estão possivelmente em moda. Refiro-me evidentemente aos olhos usados por muitas pessoas, que não precisam deles. Dir-se-há que os vidros fôscos protegem a vista dos ardores do Sol, mas temos de concordar que a escuridão — inclusive a do espírito — é bem mais prejudicial do que as fortes claridades. Enfim estamos na idade dos olhos pretos. Irremediável snobismo de vistas grossas!

GRANDES ORQUESTRAS

CERTO viajante americano descobriu, recentemente, que numa aldeia de índios do Perú, que tem apenas 59 habitantes, havia uma orquestra composta por 60 músicos. Como poderá isto ser — perguntar-se-á, de momento — como poderá haver uma orquestra com 60 músicos numa aldeia de 59 habitantes? A primeira vista o caso afigura-se inexpugnável, mas não é: quando se reúne a orquestra, quer dizer a aldeia em péso, vem um tocador duma aldeia vizinha e os 59 músicos passam, imediatamente, por obra e graça da aritmética, a ser 60.

Esta notícia chega-nos de fora com certo ar sensacional. Pois já, entre nós, se passou coisa melhor — que o estrangeiro lamentavelmente ignora, segundo creio. Havia, há mais de trinta anos, ao fundo da Calçada da Estrêla, quasi a tornejear para São Bento, um teatro — o «Teatro Etoile» — onde representava uma companhia infantil. Nos programas, entre outras coisas, anunciava-se uma grande orquestra dirigida pelo maestro Manuel Benjamim. Entrava-se, e não era difícil verificar que a grande orquestra se limitava a um piano e ao pianista que se sentava diante d'ele.

Temos de reconhecer que uma grande orquestra composta dum único executante suplanta, como espírito inventivo, os 60-músicos existentes numa aldeia de 59 índios!

A ETERNA COMEDIA DA VIDA

TO passou-se há relativamente pouco tempo — dois ou três meses antes da guerra actual ter destruído grande parte do mundo!...

Foi em Longchamps, naquêlê célebre hipódromo de Longchamp, tão alegre, tão divertido!

Agora, tudo, decerto, terá mudado! O ar que ali se respirava terá jugido para outros locais. E o vento, quando à tardinha passava presenteiro, fazendo cantar as ramadas das árvores, é possível que escute agora só lamentações e desesperos!...

* * *

Naquêlê dia, o sol estava bonito, brilhante, parecendo fazer sorrir a própria natureza!

Nos passeios, circulava muita gente. Gente de Paris, dos arredores da capital e bente dos países estrangeiros que ali fôra também assistir à «grande corrida». O prêmio era enorme, tentador e o entusiasmo inextinguível. As apostas multiplicavam-se em quantias doidas.

Maria, uma portuguesa que ali também fôra dar, passeava de cá para lá, antes da grande corrida, entusiasmada com o espectáculo grandioso que aos seus olhos se lhe offeria. Tanta mulher bonita e tanta «toilette» cara! Dir-se-ia que Longchamps iria offerer em lugar duma corrida, algum concurso de beleza feminina.

As mulheres olhavam-se mutuamente, como a analisar qual estaria mais elegante. E os seus sorrisos e as suas gargalhadas frescas, enchiam o ar e alegravam o ambiente!

Súbito, os olhos de Maria foram, de novo, irresistivelmente atraídos. Perio, uma mulher alta, elegante, caminhava entre dois homens. E por onde ela passava, deixava atrás de si um rasto de encantamento. Calavam-se as conversas. As mulheres, olhavam-na como a descobrir o que havia na outra a mais, que elas não possuísem; os homens, mostravam-se ora encantados, ora divertidos com o espanto e surpresa das que se julgavam duma elegância insuperável.

Mas, de facto, aquella mulher, tinha qualquer coisa de diferente que a impunha. A «toilette»? Sim, era bela, muito bela, mas as outras não o eram menos. O seu rosto? Era fino e expressivo, mas outros havia talvez mais belos. A estravagância dos seus cabelos ruivos? Mas, não devia ser. Entre tanta mulher bonita, várias possuíam aquêlê dom de fazer calar as conversas à sua passagem? Quem era ela?

Maria, a nossa pequena Maria, era curiosa e sentia uma enorme vontade de fazer perguntas.

E alguém lhe disse então:

— Parece-me que aquella mulher ruiva é de descendência eslava. O avô pertencia à guarda imperial, mas ela é apenas um modelo de Jean Patou, o grande figurinista, aquêlê mais forte que lhe está a sorrir! Jean Patou, fá-la apresentar belas «toilettes» porque descobriu e bem, que em poucos corpos o conjunto dum modelo será tão harmonioso, como no dela!...

E Maria ficou olhando ainda com mais interesse aquella mulher de tão distintas maneiras, de porte tão elegante, que era obrigada, para ganhar a vida e a dos seus, a trazer vestidos emprestados, vestidos belos, que envergaria apenas como isca para que as outras, as que tinham dinheiro, se tentassem a comprá-los!...

A eterna comédia da vida!

MARIÁLIA

QUANTO MAIS MODERNO FOR O CHAPEU, MENOS SERÁ O SEU PESO!...



A ESQUERDA: «Escarpolette» guarnecido de rosas e tule cujo peso total é de 110 gramas.



A DIREITA: «Escarpolette» 45 centímetros de palha fina, pesa ao todo 100 gramas.



A ESQUERDA: Palha levíssima, pesando apenas — apesar da aba enorme — 108 gramas.



A DIREITA: O chapéu-miniatura: 90 gramas de peso!



Respondendo às leitoras

«Tenho um vestido de seda branca do qual gosto bastante mas que manchei de verde das ervas. Haverá algum processo para o lavar?»

ALDA S. P.

Creio que poderá, de facto, experimentar um outro processo:

Ponha sobre a tábua de engomar um pedaço de mata-borrão, de preferência, branco. Em seguida, coloque sobre este a parte manchada do vestido e esfregue-o com um paninho branco embebido em álcool, tendo o cuidado de não deixar alastrar a mancha.

Não use os mesmos locais do mata-borrão e do pano branco, logo que estes se apresentem manchados.

Se este processo falhar, nada de pior lhe acontecerá. Mas, nesse caso, aconselho-a a que mande limpar o vestido a sério.

Há quasi um ano que o meu marido abandonou a casa, e a vida sem êle é para mim um terrível pesadelo. Por isso e por muitas coisas mais, tenho por vezes um idêntico de acabar com tanto sofrimento, fugindo ou morrendo. Porém, tenho um filho, um rapaz de cinco anos enfiadinho e sobre o qual já perdi toda a minha autoridade pelo muito que tenho pensado só no meu desgosto. Há meses que apenas sei chorar e zangar-me quando o oíço chorar. É um inferno. Não seria melhor para o futuro do meu filho, deixá-lo com os avós e não lhe aparecer mais?»

UMA REVOLTADA COM AS CIRCUNSTANCIAS

Na verdade é preciso que muito se tenha sofrido para que se chegue a um tal estado de desorientação. Gostaria de a ver e de lhe falar. Mas, se não pretende descobrir o incógnito, aconselho-a a que olhe bem de frente e com a coragem que tanto caracteriza a mulher portuguesa, para o mal causador de todo o seu sofrimento. E responda a si mesma, sinceramente, conscienciosamente: qual dos dois lhe merece mais ternura e confiança, o seu filhinho ou o seu marido?

Se deseja ambos, tanto melhor, pois apenas quererá dizer que o mau tempo passará e você — se souber perdoar — poderá voltar a ser feliz.

Se apenas um lhe merece atenção, creio que não pode deixar de ser o seu filhinho, o ente que tem por dever, se não por intuição, educar, acarinhá-lo, proteger, por si e por aquêlê que teve a infelicidade — acredite — infelicidade, de trocar as carícias sinceras dum filho, por outras falsas, a maior parte das vezes. Encare — não digo friamente, mas com dignidade no sofrimento — a sua situação actual. Também lhe não digo que se resigne, porque isso é só para certos temperamentos; mas digo-lhe que não abandone o seu filhinho, tal como o seu marido o abandonou. Ele, o seu pequenino, precisa, neste momento, mais de si do que noutra qualquer altura. Não se desespere junto dele. Acaricie-o quando êle chorar e sentirá consolação para o seu próprio sofrimento. E quando êle rir e quando êle lhe falar, a sua vozita e o seu sorriso serão uma doce atenuante para o desgosto que a mortifica. Essa attitude, a única digna duma mulher que é mãe, creia que não poderá passar despercebida aos olhos de seu marido. E pense nisto: se você ficar, pode ser que êle volte; se fugir... êle não voltará nunca!...

Como elas se vestem



Dois modelos em séda, amos quadrados de graciosos cabeços em «pique» branco. No casino, na esplanada, você fará furor se se vestir assim!...



Este modelo Gehring & Gupp ficará bem ao seu tipo, leitora, desde que não seja muito nutrida. Para os passeios matinaes e excursões não acha engraçada?



Você, que trabalha, ponha de parte as «toilettes» complicadas para as horas de serviço. A simplicidade é uma prova de distincção e este conjunto em «jersey beje» é um amor!...

A RECEITA DA SEMANA

Maçãs com creme de leite

DESCASCAM-SE maçãs (uma para cada pessoa) geladas e cortam-se em talhadas finas e iguais de maneira que em cada pratinho fiquem como uma grande flor aberta, tendo-se o cuidado de se lhes tirar as sementes. No centro de cada maçã, assim disposta, põe-se um morango e rega-se com creme de leite fresco e bem gelado.

CORRESPONDÊNCIA

REPORTER X... (Lisboa) — Como vê, a sua resposta ainda chegou a tempo, apesar de tudo... Foi uma questão de boa-vontade de todos nós. E quanto à sua pouca sorte com os problemas «das mulheres», paciência. Vá experimentando. Alguma vez acertará... Pode estar descansado, porque qualquer dia aparecerá um grande Concurso Policial! Este concorente felicita João Alberto Gouveia, pela sua posição.

CARLOS PLÁCIDO DE SOUSA, (Lisboa) — Agradeço-lhe o interesse que esta página lhe merece. Li com prazer as suas judiciosas considerações. Mas o meu amigo não sabe, acaso, que há na América mulheres pesquisadoras de ouro? Em vários filmes americanos aparecem referências a este respeito. E em «Dama Incógnita», por exemplo, a protagonista é uma autêntica pesquisadora de ouro...

«PHILO VANCE» (Setúbal) — O oficial do problema n.º 7 ficou-lhe muito grato por o senhor ter considerado a tempo. Coitado do homem, estava inocente... Nada tenho a desculpar-lhe, seu «coca bichinhos». Gosto dos seus «considerandos», a preto e a vermelho...

MÁRIO CLARO DA SILVA (Pórt) — Acho bastante curiosa a sua idéia respeitante aos problemas. Se nos quisermos enviar algum, publicá-lo-emos desde que esteja perfeito e nítido, e destacaremos, claro está, o nome do autor. Aguardo as suas notícias com prazer.

LYNCOIDE (Lisboa) — Aconselho-o a ler melhor o que escrevemos. Onde viu o senhor «apologética admiração» no relato dessa notícia? Calcule, ela até foi retratada dum grande artigo dum revista inglesa... E sobre o seu «humorismo», leia também, de novo, o problema. Isso deve ser ou falta de vista... ou vista de Lyncoide...

FILIPPE DE AGUILAR (Foz do Douro) — A correspondência é tanta, meu caro, tanta, que tem de ir... como nas bichas! Mas não se aborreça. Mais vale tarde do que nunca!

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11

Quando retinhu os suspeitos do crime do «Pássaro Azul» e ouviu as suas declarações, o inspector Cobbe compreendeu imediatamente que um deles mentia: a cantora Gretchen. De facto, Gretchen dizia que desde as nove horas não fora mais para os lados dos camarins. Ora isso era falso, porque ela inicialmente (fig. 1) aparece com um colar curto, e depois do crime (fig. 4), apresenta um colar comprido.

Por outro lado, Cobbe encontrara junto do cadáver de Greta algumas pérolas soltas (fig. 3).

Assim, ele forjou imediatamente uma hipótese plausível: Gretchen matara Greta, após uma luta violenta (fig. 3). Durante a luta, o colar de Gretchen partira-se. Depois do crime, Gretchen correu ao seu camarim, mudou o colar e, convencida de que ninguém daria pela mudança, resolveu enfrentar a situação.

Não contou, porém, com a boa vista do inspector Cobbe. E, apertada num interrogatório severo, acabou por confessar o seu crime. Matara Greta por ciúmes e por inveja. Não podia suportar que a outra fosse mais feliz do que ela. E, para cometer o crime, aproveitara precisamente aquela noite, pois vira no «Pássaro Azul» Glória Nason e Gerald Wyntan e convencera-se de que as suspeitas cairiam sobre qualquer deles.

Mas enquanto Glória e Gerald foram verdadeiros nas suas declarações, e Ysolda Marylin nada tinha a ver com o assunto — Gretchen mentiu. E foi essa mentira que a desmascarou!...

Quadro de mérito policial dos solucionistas do problema n.º 10

(Por ordem alfabética)

MÉRITO ABSOLUTO:

- (6) A Curiosa Lili Maia (Figueira da Foz).
- (6) A. F. da Costa e Castro (Pórt).
- (4) Alberto de Penamacor (Coimbra).
- (4) Alto Rui (Lisboa).
- (5) Arturo Silva (Lisboa).
- (3) Boaventura Martins (Crestuma-Carvalhos).
- (2) Carlos Alberto Fabião (Lisboa).
- (2) Carlos Idães (Lisboa).
- (1) Detective Alberto (Figueira da Foz).
- (2) Esoj Rapsag (Covilhã).
- (8) Fernando Edgar Trigo (Erme-zinde).
- (1) Flor Descalça (Lisboa).
- (1) G. Man (Famalicão).
- (1) José Bálamo (Lisboa).
- (1) Jorge C. Torres (Pórt).
- (1) Jornalista Amador (Pórt).
- (3) Lyncoide (Lisboa).
- (5) Manuel do Carmo Peres (Lisboa).
- (7) Manuel R. Morais (Lisboa).
- (1) Máscara de Cobre (Molta).
- (5) Mimi Sherlock Holmes (Lisboa).
- (6) M. S. A. (Coimbra).
- (1) Odatruf — KHIO (Alvaázere).
- (3) O Lobo Solitário (Pórt).
- (1) O Homem do Cachimbo (Lisboa).
- (2) Pad-Zé (Lisboa).
- (4) Philo-Vance» (Setúbal).

MÉRITO RELATIVO

- (1) Allemaíram (Lisboa).
- (6) Alberto de Oliveira (Lisboa).
- (2) Alexandre Casebre (Matozinhos).
- (7) Amador X (Lisboa).
- (1) Anita-João (Pego do Altar).
- (1) António C. Bernardo (Lisboa).
- (2) António de Sousa (Lisboa).
- (3) António Pisco da Silva (Lorvão).
- (7) Artur Varatojo (Lisboa).
- (2) Aurora Correia Santos (Paredes).
- (4) Carlos Mendes Paulos (Lisboa).
- (7) Carlos Plácido de Sousa (Lisboa).
- (5) Charlie-Chan (Coimbra).
- (2) Charlie Chauder (Lisboa).
- (2) Claro Lopes (Entroncamento).
- (1) Desconhecido (Viseu).
- (6) Detective de Calças (Braga).
- (4) Detective Improvisado (Lisboa).
- (1) Detective Mal-Acabado (Lisboa).
- (2) Detective Wild-Ojas (Lisboa).
- (3) Fanasha (Coimbra).
- (6) Filipe de Aguilár (Foz do Douro).
- (3) Francisquinho (Portalegre).

- (1) H. D. Costa (Lisboa).
- (2) Helena Soares (Lisboa).
- (7) Henrique Fernandes (Estremoz).
- (9) Isabel Ferreira (Lisboa).
- (1) Isabel de Azevedo Oliveira (Lisboa).
- (9) João Alberto Gouveia (Lisboa).
- (3) Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera).
- (2) José Ferreira Alves (Lisboa).
- (1) Joseph Fouché (Lisboa).
- (1) J. Simões (Caldas da Rainha).
- (9) Leiria Dias (Lisboa).
- (3) M. (Algés).
- (1) Manuel A. Rocha (Pórt).
- (7) Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
- (2) Manuel R. Baptista (Amadora).
- (1) M. L. N. (Luso).
- (4) Mário Claro da Silva (Pórt).
- (1) Miglabeo (Lisboa).
- (9) Natércia Pereira Leite (Lisboa).
- (2) Nick Carter Jr. (Lisboa).
- (1) Nick Carter II (Ermezinde).
- (7) O Falção (Pórt).
- (3) O. K. (Coimbra).
- (1) Par Invisível (Lisboa).
- (3) Penedote (Lisboa).
- (1) Ramis (Pinhel).
- (2) Rapid (Lisboa).
- (7) Rapsag (Lisboa).
- (4) Repórter G. (Bombarral).
- (3) Repórter n.º 8 (Laranjeiras).
- (1) Repórter Sombra (Pórt).
- (2) Repórter 33 (Francelos).
- (6) Repórter X... (Lisboa).
- (1) Retciv Atiom (Moura).
- (5) Rodavlas (Evora).
- (4) Rómulo (Lisboa).
- (2) Rui Alberto Coimbra (Aveiro).
- (2) Sabá (Lisboa).
- (3) Sávio Juliano (Esmoriz).
- (5) Sapex (Maceda — Liz).
- (3) Sete de Espadas (Aguilva).
- (7) Simara (Lisboa).
- (2) Solitário (Lisboa).
- (5) T-Imoso n.º 1 (Loulé).
- (1) T. P. Mistério (Lisboa).
- (3) 3 Sombras (Lisboa).
- (4) Zarthrustra (Lisboa).
- (4) Zeteha (Lisboa).

Nota — Os solucionistas de Mérito Relativo limitaram-se a apresentar uma única prova da culpabilidade de Montagu, enquanto os de Mérito Absoluto foram mais completos.

(Os algarismos entre parêntesis indicam o número de problemas resolvidos desde o início desta secção).

PROBLEMA N.º 12

O assassino de «Magpie»

Estamos satisfeitos porque o número de bons solucionistas continua a aumentar. Contudo, ainda desta vez tivemos de rejeitar muitas resoluções por virem erradas e algumas por chegarem tarde.

A luta pela posse da «camisola amarela» e pelas postas secundárias continua renhida. Faltam ainda bastante para o fim — portanto, ninguém deve desistir. Todos têm possibilidades. E apenas necessário um bom raciocínio...

As soluções para o problema n.º 12 devem vir até ao dia 24 de Agosto.



1 As investigações a volta de um roubo de jóias recentemente praticado numa ourivesaria, levaram o Inspector Cobbe ao conhecido «Magpie Club». O seu proprietário, Jake Lew, chegou pouco depois da rua com um grupo de amigos. Ao saber das razões que levaram ali o inspector, Jake garantiu que o homem que procurava não fora visto por aqueles sítios, havia já muitas semanas. Cobbe, porém, fazia que não ligava grande importância à informação, e Jake afastou-se.

2 Dez minutos depois, um criado aparecia agitado, dizendo que tinha encontrado a bailarina Lois amarrada e amordaçada, e o patrão Jake estendido a seus pés, assassinado com uma punhalada nas costas. Explicou que dera imediatamente o alarme. O inspector Cobbe subiu logo ao andar superior e verificou que Jake estava, efectivamente, morto. Desembaragou imediatamente a bailarina do cinto e da mordaça, deu-lhe um pouco de aguardente para a desentorpecer e ouviu as suas declarações:



3 Subi a este andar, para falar com Mr. Lew, por causa do novo contrato. Mas, quando ia a entrar, um homem mascarado e miseravelmente vestido, ameaçou-me e, de revolver em punho, prendeu-me e amordaçou-me. Pela porta entreaberta, pude, porém, assistir a toda a cena. Mr. Lew chegava pouco depois de mim e eu vi, sem poder gritar, que o desconhecido se precipitava sobre ele, enterrando-lhe a faca nas costas. Depois de ouvir estas declarações, o inspector Cobbe revistou os bolsos do assassinado, onde encontrou dinheiro, chaves e um isqueiro. Lembrando-se de que Jake era considerado um dos grandes traficantes de narcóticos londrinos, Cobbe pensou que podia estar em presença de um crime de «gangsters». Como averiguá-lo, desde já? De uma coisa, porém, tinha a certeza: a bailarina Lois estava implicada no crime. Como cúmplice acessória ou principal culpada?

(Leia a solução no próximo número)



VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO



«Ainda não demos conta do poder maravilhoso da rádio!»

declarou Simões Müller



A DOLFO Simões Müller é um nome conhecido de todos os rádio-ouvintes pelas suas deliciosas operetas infantis, a «Cigarra e a Formiga», a «Gata Borralheira» e tantas outras pequenas maravilhas infantis que a Emissora Nacional, para alegria da petizada e dos graúdos, tem transmitido.

O repórter foi procurá-lo na Emissora. Simões Müller trabalhava afanosamente, debruçado sobre ampla secretária coberta de papéis.

— Escute! — perguntámos quást de chofre. — Quais são os programas que mais lhe interessam?

Simões Müller sorri para o repórter, e responde:

— Interessam-me, em especial, os programas infantis. Dou-lhes todo o meu entusiasmo. Mas duvido que o público compreenda o esforço que representa aquela emissãozinha de meia hora que, muitas vezes, implica o trabalho, durante muitas horas, de uma equipa em que, além do produtor e do realizador, figuram os técnicos e os intérpretes.

Faz pequena pausa, como que a reflectir, e acrescenta:

— Há ainda outro programa — também para a juventude — que eu gostaria de realizar, ou de ver realizado em Portugal: a «Rádio-Escolar», hoje existente em quást todos os países.

Acendem-se cigarros. Simões Müller dispõe-se a deixar-se interrogar que, misto de entrevistas, o mais difícil é apanhar a primeira resposta.

— Acha que já se compreendeu, no nosso país, o alto valor da Rádio?

— Não! — exclama Simões Müller com decisão. — Ainda não demos conta do seu poder maravilhoso. Aparte uma ou outra tentativa meritória dos postos particulares, a Rádio vive circunscrita à acção da Emissora Nacional. O resto não passa, quasi sempre, de manifestações de amadorismo inferior, de autênticas e lamentáveis emissões de «Rádio-Pires». O pretenciosismo e o mau gosto dos locutores e produtores dessas estações inutilizam, por completo, o esforço e a boa vontade dos seus dirigentes. Ainda há dias ouvi anunciar num pósto, com voz de aqúcar sem raciocinamento: «Temos o prazer de deminicar a filiação de Madame Z»...

A pergunta arrasta outra:

— Qual será o nosso maior problema no que se refere à Rádio?

— Carência de produtores! Não julgue que estou a puxar a brasa à minha sardinha... É evidente que o locutor não é — não deve ser — apenas uma voz, um corpo sem alma. Mas não passa, na maioria dos casos, de um simples intérprete, seja de palestras, de composições ou até de números cantados. O que urge, pois, é seleccionar os escritores da Rádio, dessa nossa literatura a que já chamamos «falada», sobretudo os desses «filhos não visíveis», como Emile Vuillermoz definiu as fantasias radiofónicas. Mais do que nunca, é preciso cuidar da parte falada dos programas. A Rádio cansa. A Rádio encontra, na sua espantosa expansão, o seu maior inimigo. É vítima da sua própria popularidade. Não há-de vir longe o dia em que o ouvinte — o ouvinte médio, bem entendido — se fatigue de escutar uma sinfonia de Beethoven ou uma fuga de Bach. Já chegou, há muito, a vez às «Balalaikas» e aos «Danúbios Azules». E onde está a produção musical que substitua os motivos assim destronados? Lá fora, começa-se já a ver o perigo e a dar à parte falada — aos diálogos, às

composições, ao teatro das ondas — o seu verdadeiro lugar. A palavra tem de voltar a adquirir o seu prestígio de instrumento maravilhoso.

— Portanto...

— Portanto, a primeiro preocupação dos orientadores da nossa Rádio deve residir em descobrir produtores. Produtores, produtores e mais produtores.

O repórter e Simões Müller trocam um sorriso.

— E isso será fácil?...

— Pelo contrário. Os «cachets» possíveis não são de molde a estimular os produtores. Depois, um Vitalino Nemésio recebe menos que uma cançonetista popular... E, repare, qual é o autor teatral capaz da abnegação de sacrificar uma ideia, vendendo-a à Rádio por quinhentos ou seiscentos escudos, quando ela, no teatro, lhe pode dar quatro ou cinco contos, ou mesmo mais se se tratar duma revista?

Simões Müller fala com o desasombro e a espontaneidade que lhe são naturais. Amanchuca o cigarro no cinzeiro e exclama:

— Aumentar as remunerações, eis o que se impõe. Mas, para isso, é preciso que elas sejam comportadas pelos orçamentos. Ora estes dependem do número dos ouvintes. Portanto, o que julgo mais eficaz é uma grande propaganda, uma campanha intensa no sentido de se fazer a difusão da rádio-difusão...

— Uma crítica radiofónica poderia contribuir para essa difusão?

— Sim. Mas, aparte os pequenos comentários da «Vida Mundial Ilustrada» ou do «Século Ilustrado» e a secção de Amália de Proença Norte na «Gazeta de Coimbra», onde está ela? Os grandes diários, evidentemente, consagram colunas a todas as peças e filmes que se estrelam. Mas a Rádio... credo! Que ideia! Que coisa é essa? Vale lá a pena gastar meia dúzia de linhas, criticando um concerto, uma palestra, uma fantasia, um acto radiofónico, se é esse, para as críticas das tolradas ou para o noticiário do crime?! Mas, enfim, no dia em que o número dos nossos ouvintes aumentar consideravelmente, então sim: poder-se-á, mesmo baixando a taxa radiofónica, obter uma receita que permita mais justas remunerações.

— Mas para que o número de ouvintes cresça é necessário que eles adquiram aparelhos e, para isso, que o seu nível de vida seja melhorado... — acrescenta o repórter.

Simões Müller cabeceia uma afirmação. Depois, acrescenta:

— É uma cadeia de fusts, quasi um circulo vicioso... Mas a solução require a colaboração íntima da Rádio e dos ouvintes. E quanto aos intelectuais — músicos, poetas, escritores, dramaturgos, jornalistas — vamos lá: eles que não pensem apenas na compensação monetária do seu trabalho, aliás indispensável. Lembrem-se de que há presentemente, no mundo inteiro, mais de dois mil postos emissores que levam a palavra e a música a 240 milhões de indivíduos, se aceltarmos que cada um dos 80 milhões de aparelhos receptores existentes têm apenas três ouvintes... Qual o artista que poderia ambicionar mais larga expansão para as suas obras? Isto não valerá também alguma coisa?

A entrevista estava terminada. Naquele momento, o alto-falante retransmitia aquela doce música: «Impossível». Mas será, na verdade, impossível «arrastar» uma solução para a nossa Rádio?...



Na Argentina

A Argentina é um dos países sul-americanos onde a Rádio está mais desenvolvida. Nestas duas fotos vemos Mecha Bazán cantando para a Rádio Libertad, com a orquestra de Floréncio Gianneo; e Guillermo Rico, notável imitador de cantores, actuando na Rádio Belgrano, na «Cruzada do Bom Humor», que é um dos mais escutados programas humorísticos de toda a América Latina.



À ESCUTA

Há dias, a Emissora deu a sua última emissão, nesta temporada, da «Hora de Variedades». O que se segue são alguns apontamentos, tirados ao acaso, durante esse programa:

— Ciddia Meireles é, sem dúvida, uma das melhores cançonetistas da nossa rádio. O seu talento é múltiplo. Tanto se «agarra» a um cantar regional, em que é extraordinária,

como a um «fox» ou a um «swing». «Destino», o fado que cantou durante a emissão, é mais uma prova do seu valor.

A bonita canção de Belo Marques, «Laurentina», foi interpretada por Gina Esteves, com a sua vozinha tão doce, tão graciosa, tão saltitante. Parabéns a Gina Esteves, e parabéns, também, a Belo Marques pela graciosidade que soube imprimir à sua «Laurentina».

Nina Remartinez, na «Canção da Noite», foi bastante infeliz. Voz fraquinha, sem nuances. Parecia cansada, sem fôlego.

A vida privada de Tino Rossi, obrigado a pagar 3.000 francos mensais à sua primeira esposa

NO tempo em que Tino Rossi, ésses extraordinário cançonetista francês que todo o mundo conhece através da rádio, era ainda Constantino Rossi e cantava nos «cabarets» de segunda ordem, casou um dia com uma jovem violinista que é hoje professora do Conservatório de Toulon. Dêsse casamento, que não foi feliz, nasceu uma menina que conta hoje 16 anos. E, porque Rossi, há 16 anos, acreditava na sua boa estrela, deixou Toulon e procurou o caminho de Paris, onde se esqueceu da mulher e da filha.

Um dia para substituir um artista contratado que adoeceu, um empresário chamou-o e apresentou-o com o nome de Tino Rossi, que tantas reminiscências tem do italiano. Rossi agradou, tornou-se célebre — e esqueceu-se da mulher que requereu e obteve o divórcio e ficou com a menina. Por seu lado, Tino Rossi obrigava-se a pagar a sua ex-esposa, a sr.^a Lucie Normand, uma pensão alimentar de 100 francos por mês. Isto, porém, era logo no principio da sua carreira. Entretanto, Rossi tornava-se «vedeta», e a ex-senhora Rossi achou, e muito bem, que um homem que ganhava rios de dinheiro tinha obrigação de pagar generosamente a educação da sua filha. Mas Tino Rossi, pela primeira vez, na sua vida de cantor — não tinha «ouvintes». A senhora Lucie Normand foi para o tribunal com a questão e acabou de ganhar: os juizes condenaram Tino Rossi a uma pensão mensal de 3.000 francos — à primeira mulher que amou na sua vida obscura. Achamos muito bem!



BRILHANTINA FLUIDA
“MONTEGIL”
 LUSTRANTE E ONDULANTE

Superior ás melhores
A VENDA NAS BOAS CASAS





A capela da Verónica, à Graça, condenada a desaparecer, serve de estendal de roupa

A O abrigo da concordata entre Portugal e a Santa Sé, foram mandados restituir à Igreja os bens que lhe pertenciam em 1 de Outubro de 1910 e de que ela tinha sido privada com o advento da República. Entre os bens devolvidos, contam-se quatro casas religiosas que foram já entregues ao Patriarcado, estando todas situadas em Lisboa: Paço Patriarcal de S. Vicente, a Igreja de S. Domingos, as capelas da Carreira e da Verónica, e umas dependências pertencentes às

igrejas de S. Sebastião da Pedreira e da Penha de França. Do valor histórico de cada um desses edifícios está tudo escrito. Lembramos, apenas, que o antigo convento de S. Vicente de Fora, que pertenceu aos cônegos regrantes de Santo Agostinho e serviu, de 1834 a 1910, de residência do Cardeal Patriarca e, algumas vezes, de Sé Patriarcal, quando esta se encontrava em obras, está actualmente ocupado pelo Liceu de Gil Vicente, pela administração do 1.º Bairro e por outros serviços públicos, cujas instalações, à medida que forem vagando, serão entregues ao Patriarcado — o que, de algum modo, só vem beneficiar a estética da nossa

Depois de 1910...

Os bens da Igreja foram-lhe devolvidos e por isso vão construir um edifício para o liceu Gil Vicente

cidade e as condições pedagógicas da nossa vida cultural. Segundo as melhores informações, dentro de pouco tempo vai iniciar-se, por motivo da devolução à Igreja, a construção de um novo edifício para o Liceu Gil Vicente, que ficará na cerca daquele antigo convento. Lisboa terá, assim, mais um belo edifício — e a nossa pedagogia só terá que lucrar com as medidas anunciadas.

O grandioso edifício do antigo Paço Patriarcal é decorado com um lindo portão em estilo renascença do século XVII e guarnecido de muitas centenas de janelas — magnífico varandim de um panorama incomparável. Os claustros, algumas salas e os corredores são guarnecidos de belos azulejos oitocentistas, muitos deles mutilados, representando fábulas de La Fontaine. Na portaria, hoje transformada em Mu-

seu do Santo Condestável, vêem-se um lindo tecto pintado, em 1710, por Vicente Baccarelli, que representa o triunfo da Igreja sobre os maniqueus, e formosos painéis de azulejos, com episódios das tomadas de Santarém e de Lisboa aos mouros.

Quanto à igreja de S. Domingos, que foi entregue de direito, mas não de facto, por ser monumento nacional, lembramos que a fábrica paroquial apenas recebeu a propriedade das imagens, alfaias, móveis e outros objectos de culto nela existentes. A história deste velho monumento também está contada. Edificada, após o terramoto, no local da velha igreja do convento do mesmo nome, fundado em 1242, o seu risco pertence ao architecto Carlos Mardel, mas do antigo templo pouco mais resta que a linda capela-mor,

(Continua na pág. 16)



A igreja de S. Domingos, considerada monumento nacional, só de direito passou à posse da Igreja



Pertença dos antigos cônegos regrantes de Santo Agostinho, o antigo convento de S. Vicente é agora ocupado por repartições públicas



Também a capela da Carreira, na actual rua Gomes Freire, sem grande interesse artístico, passou à posse do Patriarcado

RÁPIDAMENTE, que o combóio vai partir. Enfiará por aquele túnel horrível do Rossio e irá sair do outro lado florido do Minho. Dentro, vai seguir uma gentilíssima senhora. Chama-se Maria Irene Athias, tem 20 anos e completou agora o curso de piano com a mais alta classificação. Naturalmente, todos os anos há meninas habílicas que completam o curso de piano com as mais altas classificações. Mas as artistas de fina intuição e de poderosa técnica rareiam. Para mais — para dobrar o interesse que o caso de Maria Irene Athias possa despertar — há o facto de ser filha de alguém que vale na nossa terra pelo seu saber: o prof. Dr. Mack Athias.

Sabíamos que ela ia partir para o Minho e fomos procurá-la já com o pé no combóio. A entrevista tem que ser não uma conversa de férias — mas de um apressado *week end*:

— Maria Irene, quem foi o seu professor?

— Campos Coelho, um mestre que aprecio pelo seu saber e pelo espírito de camaradagem com os seus alunos...

— Mas, então, deixa Lisboa?

— Umás férias, mais nada. Voltarei em Outubro, já preparada para um concerto que tenciono dar com orquestra, no próximo ano. Depois, vou para o estrangeiro... mas só quando a guerra acabar, claro, e os homens reaprenderem que a sua verdadeira missão na terra não é matar mas tornar o mundo melhor pela arte...

— O estrangeiro é muito grande...

— É, mas eu tenho o itinerário: Paris. E em Paris tenho professor: Cortot.

UMA NOVA CONCERTISTA

Maria Irene Mack Athias acredita no futuro da música portuguesa

— Vemos que não é uma menina-família com habilidade e que resolveu tirar o curso de piano...

— Não sou dilettante. Se quisesse ser apenas menina-família, na acepção burguesa de que quer falar, então não valla a pena tirar um curso trabalhoso e longo. Gosto de música, dos clássicos, dos impressionistas franceses, principalmente. Mas a arte, para o ser, não pode ficar sujeita ao recato de um público reduzido. Precisa dos grandes contactos, do incentivo do grande público, enfim...

— Quer ser, então, concertista...
— De alguém e além fronteiras, se a tanto me chegar o engenho e arte... De resto, já dei alguns concertos e a crítica foi sinceramente animadora...

Maria Irene é bulhosa, alegre como uma miúda de saia curta e soquetes. Mas, para além dessa aparente puerilidade há idéias já feitas. Vejam só o que ela nos responde, quando lhe notamos que a carreira de concertista, entre nós, é muito pouco compensadora:

— Engana-se. Agora, mais do que nunca, experimenta-se um movimento de renovação e de interesse por tudo que seja arte. Todos os que viveram a outra guerra dizem que, em 1918, se observava o mesmo fenómeno, talvez criado pelo «dinheiro que aumenta»... O certo é que hoje, entre nós, há muito maior interesse pela música, pelos concertos. Já reparou que são muito mais frequentados? E, depois, o que é simpático: não são só as classes de cultura feita a procurar os concertos. Os operários, os que querem legitimamente elevar a sua cultura e aperfeiçoar as suas virtudes espirituais procuram a música, porque é de todas a arte mais acessível e comunicável. No dia em que Lisboa tenha a sua grande sala de concertos com entradas baratas e com a exclusão de trajos complicados, há-de ver como os concertistas experimentam uma nova compensação moral. O público humilde há-de ir aos concertos como vai ao cinema, porque a música não pode ser um usufruto das «élites», mas de todos...



— E acha que temos nomes para cumprir essa missão?

— Com certeza. Caminhos para uma maior selecção de valores e já hoje dispomos de nomes de grande categoria internacional.

— Olga, Maria Irene, e se enquanto lhe aparecer algum príncipe encantado...?

— Fecho os olhos aos seus encantos enquanto não tiver obtido a minha carta de alforria artística. Não é porque o casamento seja incompatível com a arte. Mas só mais tarde, quando a artista está liberta de certas preocupações artísticas, poderá e deverá pensar no casamento. Se não inicia a sua carreira com o espírito formado por esta ideia, o melhor é não pensar no plano...

A conversa ia prolongar-se, mas o combóio apitou e lá enfiou por aquele horrível túnel do Rossio...

Cais do Sodré — 1915

II

VOLTEMOS hoje, com um intervalo de duas semanas, ao Cais do Sodré do tempo da outra Grande Guerra. O «café» Royal, hoje tão triste, tão silencioso, tinha um quarteto que tocava todas as noites música ligera. Era um programa ao gosto dos frequentadores, que, até ao momento da nossa entrada no conflito, se compunha de gente de ambos os grupos contendores. Aconteceu-me algumas noites, depois de ter palestrado com um francês ou um inglês, ir acabar de tomar a minha cerveja com um alemão ou um austríaco.

Esta minha conduta perfeitamente neutral não era assumida com a menor parcela de constrangimento. Na verdade, à força de conhecer uns e outros, chegara à conclusão de que um alemão não odiava um inglês, um inglês não sentia o mais pequeno rancor por um «boche». Esse ódio era mais produto de uma excitação colectiva do que um sentimento pessoal.

Aquêle velho «café» era frequentado simultaneamente por ingleses, alemães, polacos, austríacos e americanos. Quasi sempre cheio desta gente heterogénea, ninguém se insultava, nem mesmo se olhava com ódio ou desprezo. Faltavam-se, ignoravam-se os beligerantes e divertiam-se sem quererem saber se o companheiro da mesa ao lado pertencia a país adverso.

Acontecia que, às vezes, o quarteto tocava o «tipperary». Alemães e austríacos calavam-se; ingleses e aliados cantavam em coro, ôho brilhante de entusiasmo, face muito grave, boca muito aberta. Mas se, a seguir, os músicos tocavam a «Viúva Alegre», logo austríacos e alemães cantavam em alemão, cheios de comovida ternura, e os aliados, embora postado, não cantavam a canção patriótica.

No fundo, gostavam todos das canções uns dos outros, porque êsses povos, muito mais dados à música do que nós, portugueses, achavam que essas melodias, nascendo no coração dos homens, estavam acima das suas querelas.

Eu e o Armando Portela conhecíamos de cor todas essas canções, quer dos aliados, quer dos Impérios Centrais, e acontecia-nos cantá-las na mesma noite, ora com uns, ora com outros. Recordo-me até de que, dada a deficiência de educação musical na infância portuguesa, já sabíamos mais canções populares em francês, inglês e alemão do que na nossa própria língua.

Não há austríaco, alemão, inglês e americano (os franceses já se parecem um pouco connosco, embora nos sejam muito superiores neste particular) que não saiba de cor as melhores canções populares do seu país. Os alemães possuíam já nesse tempo brochuras banalíssimas com todas essas canções. Algumas dessas brochuras continham a respectiva pauta de música. Era banalíssimo um marinheiro alemão saber música. Alguns conheci que tocavam piano, com aquelas enormes mãos calosas que se recusavam a imprimir todas as sutilezas que sentiam ao evocarem, em terra estranha, músicas que recordavam a aldeia distante.

Quando se juntavam dois ingleses ou dois alemães, isso bastava para se formar um coro. E cada um sabia logo o tom em que devia colocar em relação ao outro. E não cantavam frivolamente, faziam-no com seriedade, cheios de comovção e compostura.

Nunca esquecerei a vibração melancólica daquela canção britânica, que termina assim:

Oh! Fatherland!... Oh! Motherland!...
Oh! Land fo my best girl!...

Tenho pena de não poder reproduzir a música. Mas garanto-lhes que o nosso lado não é mais comovido do que esta «terra da minha mais bela rapariga».

Os alemães tornavam-se graves, sizudos, quando cantavam o seu «Ich hatte einen kameraden, que tem foros, para êles, de canção nacional. Lamentam o camarada que morreu na guerra, um belo rapaz, «melhor não encontrarias tu nunca!».

E quem não se recorda da «Madelon»? Poucos a teriam escutado como eu, da boca de marinheiros franceses. A «Madelon» não era uma imagem literária, era para êles uma figura real, a gentil rapariga, que, no «cabaré» próximo das trincheiras, todo o mancebo combatente adorava. «Quand Madelon vient nous servir à boire... Ah! Quando ela vinha servi-los, as coisas lindas que lhe diziam!... Tudo o que não se podia segredar à namorada distante, dizia-se à Madelon...»

Às vezes, ali no Royal, faziam-se autênticos concertos corais. E as «papillonas» francesas, de sorriso devasso, não compreendendo quanto vale uma canção para um marinheiro, trauteavam enfastiadas em voz rouca e ordinária:

C'est la valse brume...

A outra guerra foi mais romântica e ainda nos deixou bonitas canções. Já notaram que durante êste conflito ainda não surgiu uma moda popular da craveira do «Tipperary» ou da «Madelon»?

MÁRIO DOMINGUES

FIGURAS DA SEMANA

MARIA ARCHER



Até onde vai a moral e onde começa o imoral? Fechando a última página de «Ela é apenas mulher», subscreita pela escritora Maria Archer — há-de aflorar a muitos lábios aquela dupla interrogação. Como estilo, como romance, pelo delinear das figuras, o novo livro da autora da «Viagem de ida e volta de uma caixa de fósforos» pode considerar-se um dos melhores trabalhos de ficção, ultimamente publicados entre nós. Só é pena que a autora se tivesse tomado tanto de pessimismo, na análise da sociedade onde, se não abundam os Catões e os Platões, podem encontrar-se ainda algumas frescas flores do vale e da montanha... A culpa do erro que há no livro de Maria Archer não está, porém, com cer-

teza, na sua ilustre autora — mas na bitola de que se serviu...

«Ela é apenas mulher» é um livro de que pode dizer-se: está cheio de «sex-appeal»...



ABREU E SOUSA

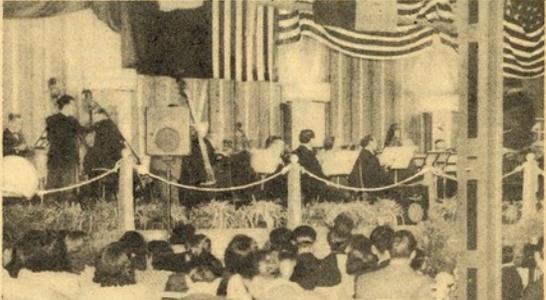
O espírito fulgurante de um português ilustre veio até nós dentro de um livro: «Juízo a arder». «Prosas malucas», lhe chama o seu autor, que consigo próprio gosta de fazer espírito. Mas nós, que lemos e saboreámos, a esta leitura amena de almas e vidas pitorescas, preferimos chamar-lhe prosas reduzidas, tal foi a sensação de encanto que a sua leitura nos proporcionou. Abreu e Sousa é um dos mais cintilantes espíritos dos nossos humoristas actuais e, a confirmá-lo, está o agrado com que o público consagra as suas obras.



Foi um espectáculo de indiscutível imponência a paráda militar que no último domingo se efectuou. A guarnição de Lisboa, apresentada na sua máxma força, desfilou perante o Chefe do Estado e todos os membros do governo, representantes diplomáticos, autoridades militares e civis, mostrando o apuro das tropas e a excelência do material.



Os srs. ministros da Marinha e da Educação, com o sr. subsecretário da mesma pasta, estiveram no acampamento do Alfeite, onde os rapazes da «M. P.» fizeram um longo e agradável estágio. Entre as cerimónias então efectuadas, verificou-se a do baptismo do novo «yolte» do Centro de Remo de Lisboa, servindo de madrinha a menina Mabel Bettencourt, que se vê na foto com as flores que lhe foram oferecidas.



Éis um aspecto do 113.º Serviço Cultural para trabalhadores, realizado pela F. N. A. T. com a colaboração da Emissora Nacional, e levado a efeito nas oficinas gerais da Socony-Vacuum Oil Company, à Joazeiro. Além dos mais aplaudidos artistas da «Hora de Variedades» da Emissora, fêz-se ouvir a Orquestra Sinfónica Popular, que foi muito aplaudida.



No gabinete do sr. dr. Brás Medeiros, como representante do I. N. T., tomou posse, há dias, a direcção do Sindicato Nacional dos Empregados de Administração e Revisores da Imprensa. A cerimónia foi simples e serviu de pretexto para ser traçado o plano de trabalhos a realizar.

PÁGINA DAS UTILIDADES

Máquinas de costura



HUSQVARNA

uma perfeição
da indústria sueca

Vendas no «Stand» da Feira
Popular, a pronto e prestações.

CASTRO & SOUSA, L.^{DA}

P. dos Restauradores, 13, 3.^o
LISBOA Tel. 29888



OUVIR UM *LUXOR*
é um sonho!

Casa José Costa ~ Radio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 — Lisboa Tel. 24888

Os lustres para as decorações de bom gosto



Apliques, castiçais e candeeiros de mês.

J. R. de Brito

FABRICANTE

Rua Luiza Todi, 2

(à Rua de D. Pedro V)

Telef. 20497 LISBOA



M JOALS

EXPOSIÇÃO DOS MÓVEIS JOAL

SALA D. JOÃO V

MÓVEIS
ESTOFOS
DECORAÇÕES

AVENIDA ALMIRANTE REIS, 233-B
(ao Arleiro)

LISBOA

Telefone 44033



Um periódico exame
dos seus olhos e a
conveniente mudança de
lentes é uma ajudada
e providente precaução

Para ser técnica e economicamente bem
servido entregue a sua prescrição médica a

PEREIRA OCULISTA

Rua da Vitória, 53 — LISBOA
(Em frente à Casa Africana)

**Carrinhos e cadeiras
para bebés**

Elegantes e económicos



A pronto e com facilidades
de pagamento

J. Costa & Silva, L.^{da}

RUA ARCO BANDEIRA, 79-1.^o
LISBOA — TELEFONE 26713

prefira

SHEAFFER'S

a caneta de tinta
permanente
de fama
mundial

use

Skrip

O SUCESSOR DA TINTA

Todos os artigos domésticos de electricidade e gás

**Electro
Glória, L.^{da}**

Vendas a pronto e a prestações aos melhores preços
ELECTRO-GLÓRIA, LDA.
Lisboa — Rua da Glória, 20-A Tel. 24050

Antes de fazer as suas compras consulte esta página

UMA CARTA DO RIO DE JANEIRO

Lélé, esse «menstro» — Tesourinha, que recorda Espírito Santo — Uma recelta aproximada de 1.028.338 contos!... — E o mais que se val ler...

Um amigo nosso, funcionário distinto de uma Companhia de navegação, enviou-nos uma carta do Rio de Janeiro que tomamos a liberdade de trazer a público, nos seus pontos mais importantes, respeitando-lhe todo o pitoresco para não perder o sabor e o à-vontade com que foi escrita, que revelam bem o estado de espírito e o entusiasmo bem por cento desportivo do signatário.

Desportivamente, o Brasil é qualquer coisa de grande, de muito grande, e o desporto, ali, é encarnado com uma convicção que impressiona... Mas vamos à carta, que é muito mais expressiva do que quanto possamos tinaruar...

«Meu caro Lança Moreira:

...A temporada desportiva no Rio está agora ao auge. Vi-me pelo jogo de «basket-ball», uma série de regatas que foram ganhas pelo «nosso» Vasco da Gama, e um desafio de futebol Brasil-Uruguai, em homenagem às forças expedicionárias brasileiras. Digto-te que foi um jogo admirável, e não vi coisa melhor. Os uruguayos pareciam principiantes, tal a virtuosidade dos brasileiros. Como se costuma dizer: andaram a apanhar bonés!... «Encaixaram» 6-1 sem terem de se queixar. Há um jogador do Vasco que marca tentos de longe. É verdade, e vou contar-te uma coisa bastante graça, passada nesse jogo, com o referido jogador, que se chama Lélé. Na marcação de um «livre», o capitão do «onze» uruguai mandou desfazer a barreira e por todo o Estádio resouu uma enorme gargalhada. Quando Lélé aponta um «livre» a público costuma dizer: «Lélé executa éle» (éle, bem entendido, é o pobre guarda-redes...). O nosso homem tomou balção, bateu a bola, mas o remate saíu um pouco desviado. O público ficou desapontado. Quasi no final do pélo, repetiu-se a cena, mas desta vez o pobre guarda-redes só teve tempo de levantar os braços, enquanto a bola, com uma flecha, se anichava na rede. Eu também só a vi depois dela lá estar dentro! O mesmo jogador noutras bolas que mandou à rede de um «kete» declarou à «procura da rôlha»... Uma outra bola brasileira só foi possível devido à violência do pontapé, pois o homenzinho, com a força deste, desequilibrou-se!

Numa entrevista que deu à Imprensa, o guardião uruguai declarou que nunca tinha passado por tais assados! Disse: «Lélé é um monstro! Que «tiro» que aquêlê homem possui. Devia ser proibido de jogar. É um bárbaro!...»

O trio central do ataque da turma brasileira é formado por três homens do Vasco da Gama, e que normalmente jogam de forma espontânea. Três autênticos diabos. Gostaria de

ver estes homens jogando contra uma defesa de um dos nossos grupos. Qualquer deles quando chegasse ao fim do jogo — se lá chegasse... — estava em muito boas condições de ser internado no Telhall...

Não podes calcular como fintam, como correm com a bola e como passam. Joga todo o corpo; passam com os joelhos, com os calcanhars, eu sei lá. Os uruguayos, no fim do encontro, disseram que da forma como os brasileiros jogaram não havia nem italianos, nem ingleses que chegassem. Eu concordo em absoluto, pois não sei o que seria preciso jogar para os bater. Além do trio central de ataque, gostei imenso de um dos pontas, jogador que faz lembrar o Espírito Santo. Chama-se «Tesourinha», talvez por ser pernaltá. O «half» do seu lado fazia tudo não o deixar passar, mas o cavalleiro acabava quasi sempre por levar a melhor com as suas fintas desconcertantes.

Os nomes dos jogadores brasileiros são bastante pitorescos, como vais ver: Oberdan, Píolin, Beglino, mine, Noronha, Rui, Zézé Procópio; Tesourinha, Lélé, Isaias, Jair e Lima. Todos êles são de S. Paulo, à excepção do trio avançado, que é do Rio, e de Tesourinha.

Os uruguayos agüentaram com cara alegre esta esmagadora derrota, mas, como vais ver, o seu desportivismo foi só aparente...

Dias depois, realizou-se um segundo encontro, agora em S. Paulo, no Estádio Municipal. O «onze» brasileiro apresentou-se com algumas modificações. E o seleccionador uruguai alarmado com o desastre de dias antes, mandou vir de avião alguns jogadores para fortalecer o grupo. Não assisti a êste jogo, pois como te disse, realizou-se em S. Paulo, mas como o segui pela Rádio, posso contar-te algo...

Os uruguayos juraram aos seus deuses que não se repetiría a derrota do primeiro jogo, e, meu amigo... à medida que o «score» ia subindo, as violências e as agressões descaradas subiam também. Foi uma autêntica batalha campal. Houve murro, cabeçada, pontapé na barriga, e se não morri ninguém, foi porque os brasileiros não responderam na mesma moeda e acutelaram o «câdêver» ao máximo!... Uma vergonha. Os dirigentes mandaram imediatamente regressar os jogadores, que sofreram severíssimas punições! O Brasil ganhou por 4 a 0, graças a Jair (3) e Helelo. No final do encontro, os uruguayos tinham 7 homens em campo, isto depois de utilizarem todos os reservas!... Imagina a quantidade de expulsões!

O Estádio do Vasco da Gama é uma coisa mostra. Calcula que no primeiro jogo, apesar dos árbitros pagarem menos e de uma secção da bancada ser ocupada, gratuitamente, por soldados, e ainda sendo o preço dos bilhetes incomparavelmente mais baratos que em Portugal, o encontro rendeu 459.364 cruzeiros! No pélo de S. Paulo a recelta foi ainda excedida — 574.391! Isto somado dá a linda bagatela de 1.028.338 cruzeiros! Assim, pode fazer-se desporto e ter belas instalações. Os clubes têm muito dinheiro, pois li num jornal que um grupo se propunha comprar a carta de dois ou três jogadores doutro clube por mil contos!...

Quando aqui cheguei, li nos jornais que o Azevedo vinha para o Rio. Acho que éle, acutelando os seus interesses, faz muito bem. Posso garantir que os guarda-redes que vi jogar, Oberdan e Jurandir, os melhores de todo o Brasil, são de longe inferiores ao Azevedo e ao Martins. Também não vi por cá um médio que chegue aos calcanhars do Chico Ferreira. Pode ser, todavia, que não tenha visto jogar os melhores...

E, por último, gostaria, se ouvissem um locutor desportivo brasileiro a relatar um desafio de futebol ou outra qualquer manifestação desportiva! Nós, aí, estamos muito atrasadinhos nesse capitulô!... Abraça o amigo que em breve estará de volta — J. S.

DESPORTO

Alenquer de encarnado

A pitoresca e simbólica vila de Alenquer, tão ligada à história pátria, viveu recentemente um dia grande, inolvidável, com a inauguração de mais um clube desportivo, filial do Sport Lisboa e Benfica.

Por amável convite do novel clube, por intermédio da Comissão de Propaganda da agremiação sede, fomos de longada a Alenquer.

Já tínhamos assistido a cerimónias similares. Mas nunca, como agora, observámos um ambiente tão festivo, tão entusiastico, tão profundamente clubista.

A viagem começou às 10 horas da manhã partindo da Secretaria do popular clube dos encarnados, em confortáveis auto-carros.

Pelo caminho, as manifestações sucediam-se, testemunhando uma simpatia sincera e espontânea, à caravana do Benfica e aos ciclistas que disputavam uma prova Lisboa-Alenquer.

Desde a partida dos velocipedistas até Albandra, onde a Estremadura acaba e o Ribatejo começa, o ambiente era de festa. Por todo o lado, aclamações. No término, em Alenquer, é difícil ao jornalista habituado a tantas manifestações afins desta, descrever o que se passou.

As forças vivas da vila estiveram presentes. As janelas engalanaram-se ricamente. O encarnado, como é natural, predominava...

Subiram girândolas de foguetes, que se confundiam com os aplausos e vivas. As rissonbas e simpáticas raparigas ribatejanas coloriam o festivo ambiente.

Chegaram os ciclistas. As flamulas nacional e do jovem clube foram hasteadas no meio da maior solenidade, rematada por estrepitosas ovações.

Depois, a sessão solene, de boas vindas, na Câmara Municipal. Discurso sóbrio, mas brilhante, o do dr. Fernando Campeão. Resposta vibrante, à base da história da vila, o do dr. Augusto da Fonseca, presidente do Benfica.

A seguir, uma competição ciclista, «10 voltas a Alenquer», difícil, pelas adustas encostas a vencer. Um almoço no admirável parque Vaz Monteiro, sob a sombra acolhedora de vastas árvores. Afirmações cheias de confiança nos destinos do Sport Lisboa e Alenquer, amparado ao prestígio da sede.

Jogos de basket-ball, esplêndidos como instrumento de propaganda. À noite, um baile entrecortado por uma exibição de patinagem, que encantou e convenceu os alenquerenses.

O regresso deixou em todos inquecível saudade. Aos que ficaram, pelo dia e pelo acto, que marcou o início dum novo ciclo na vida desportiva da vila. Aos que partiram, a recordação dum acolhimento triunfal, a gravar em letras de ouro, o prestígio e a projecção do nome duma grande agremiação portuguesa.

Em síntese, o jornalista registou: jornada benéfica para o desporto; impulso cada vez mais forte deste; e a certeza cada vez mais arraigada em seu espírito, de que éle é, hoje, um dos mais poderosos factores da aproximação das gentes de tôdas as condições sociais, da sua harmonia, bom viver e bem estar espiritual.

Ao Sport Lisboa e Alenquer, muita felicidades!...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA



O famosíssimo trio central de ataque da selecção brasileira. Da esquerda: Lélé, Isaias e Jair

DAQUI E DALI

O F. C. P., uma das mais gloriosas agremiações desportivas nacionais, comemorou o seu 38.º aniversário.

No programa comemorativo de tão faustosa data, incluiu competições diversas, uma parada dos seus atletas e uma sessão solene, que decorreu entre o mais cordeal espírito clubista.

Felicitamos o F. C. P. e agradecemos o amável convite que nos dirigiu.

O S. L. Benfica acaba de criar uma nova secção: a de luta greco-romana.

Aumenta, assim, o contingente de clubes que se interessam pela magnífica modalidade. Simplesmente, se continua à espera que sejam aprovados os estatutos da nova Associação de Lisboa. Confiamos em que algum dia há-de ser...

EM TERRA, NO MAR OU NO AR

USE

RALCO
LA CHAUX DE FONDS SUISSE

IMPERMEAVEL AUTOMATICO
ANTI-MAGNETICO AMORTECEDOR DE CHOQUE

MODELO Nº 338.294 - ESC. 450.00

MOSTRADOR LUMINOSO

RELOJOARIA
MAURY
RUA AUREA 202 - LISBOA

Outros modelos desde 300\$00

CATEDRALES

(Continuação da página 24)

Dois vultos saem do pequeno carro: um homem e uma mulher. Quedam-se a contemplar a vastidão daquele pedaço de terra portuguesa, emocionados pela vastidão que lhe encerra. Mas os toiros enervam-se, sabem-se contemplados, vêem e fazem estranhos, e não gostam.

D. Luís observa ao Manuel Arenoso o perigo que correm os dois incautos viajantes, imprevidentemente parados naquêlê sítio.

Palavras não eram ditas e já o Pimpão abalára só, correndo a bom correr, cabeça baixa, na direcção da estrada. A senhora continuava segurando nas mãos um garrido lenço de Alcobaça que mais do que tudo, naturalmente excitára o toiro.

— Eh! toiro! Eh! toiro!
Duas dezenas de vezes se erguem no ar saltando o mesmo grito, mas Pimpão não as atende.

Os dois turistas continuam absorvidos na contemplação daquela maravilhosa cenografia.

Carlitos exclama: — Meu pai, meu pai! E, sem mais, com o pampilho fincado no sovaco direito, como cavaleiro medíval num torneio, lança-se na vasta campina, num esforço inaudito de interceptar a carreira do toiro para a estrada.

Cavaleiro e toiro aproximam-se. Estão em direcção perpendiculares, e de novo soa mais forte, varando a limpidez apaziguante da manhã, o grito de: — Eh! toiro! Depois cavalos que se lançam como se se tratara de uma dramática carga decisiva. Mas já Carlitos salta no ar, erguido, impulsionado pelas hastes bem colocadas, curtas, de grossura mediana, cravadas em «su-sítio», bravias, aceradas e temíveis. Dois campinos ladelam o brinçalhão toiro.

Afastam-se. E, em volta do corpo mortalmente ferido e agonizante, um grupo. D. Luís segura o destemido cavaleiro pelos sovacos. Os olhos do rapazinho rolam por toda a campina silenciosa e nêles há um derradeiro lampejo estranho, dramático, triste e ao mesmo tempo feliz.

Por fim, a cabeça descal, barrêtes que descobrem cabeças, olhos que se põem no chão. Junto de D. Luís os dois incautos viajantes. E, entre duas lágrimas que lhe rolam pela rilhada face, o velho marialva murmura:

— Queria morrer, e morreu como um verdadeiro português.

Na calma impassível da manhã ergue-se mais um «Eh, toiros!» como afirmando que a vida não pára, que ela é perigosa e áspera naquela terra de valentes, que corre ao longo do Tejo.

Um novo silêncio; toiros e cavaleiros, barrêtes verdes e encarnados, pampilhos ao alto, núvens de poeira. Como que acompanhando a própria vida, a correria continua veloz.

SABE ALGUMA COISA DE CINEMA?

Eis as respostas ao «test» da «Pública de Cinema»:

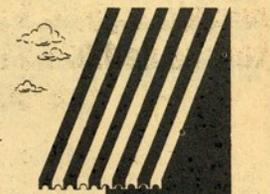
- 1 — Argentina.
- 2 — Por estar envolvido num escândalo público.
- 3 — «A Vítua Alegre».
- 4 — «Homens da Blusa Branca».
- 5 — O rato Mickey.
- 6 — Graer Garson.
- 7 — «A Canção de Lisboa».
- 8 — Al Jolson.
- 9 — «Luzes da Cidade».
- 10 — René Clair.

O VELHO PORTO
Niepoort
sabe a quem sabe

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

PROTEJA



a sua cútis
DO SOL
COM
MASCARADE
PÓ DE ARROZ

MASCARADE! Mocidade, sonho, primavera...

MASCARADE! Pó de arroz como substanciando tudo isso, pois foi preparado pelos perfumistas franceses de mais nomeada, especialmente, para a mulher poder dominar e vencer! Impponderável, de cambiantes mais atraentes e de perfume sedutor, obriga a própria beleza da cútis a assimila-lo, para lhe dar maior realce e juventude.

L.T. PIVER

Os bens da Igreja

(Continuação da pág. 12)

Joanina, de Ludovice — o célebre arquitecto de Mafrim — e a sacristia muito bem conservada.

Esta igreja, a mais ampla da capital, onde se casaram D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, serve de paróquia de Santa Justa e Santa Rufina, desde 1834, e nela esteve instalada, provisoriamente, há poucos anos, a Sé Patriarcal.

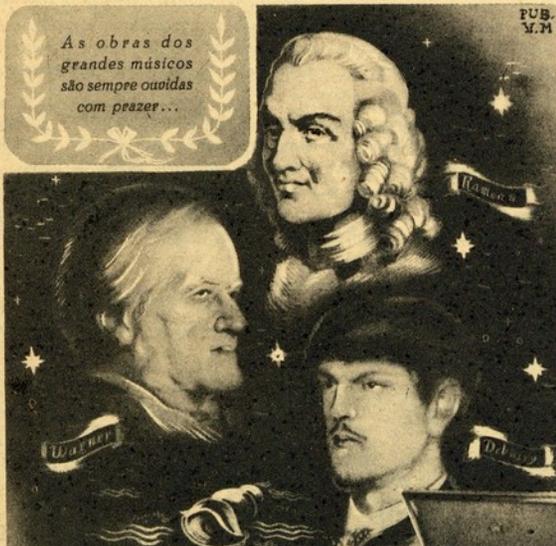
A capela ou ermida da Carreira, que foi buscar o seu nome ao facto de se encontrar no caminho da antiga Carreira dos Cavalos, actual rua de Gomes Freire, pertenceu ao hospício capucho de Nossa Senhora da Conceição e foi construída em 1837, pelo Infante D. Francisco, cujas armas ainda ornamentam a sua fachada despresticiosa.

Finalmente, a capela da Verónica, edificio sem interesse architectónico, situado na rua do mesmo nome, a Graça, foi entregue à fábrica da igreja de S. Vicente. Profanada, quando da proclamação da República, e vendido ao desbarato o seu recheio, parece estar condenada a desaparecer, sob o camartelo do progresso, para dar lugar à construção do novo edificio do Liceu de Gil Vicente, que ameaça também a existência do histórico arco de S. Vicente.

A dependência anexa à igreja paroquial de S. Sebastião da Pedreira, restituída à fábrica do mesmo templo, esteve ocupada durante muitos anos, pela Junta daquelle freguesia e por um lactário. Actualmente, transformada pelo prior, rev. António de Oliveira Reis, numa bem cuidada capela, venera-se all a imagem do Senhor dos Passos.

As dependências, entregues à fábrica da igreja paroquial da Penha de França, são umas modestas lojas de arrecadação situadas no largo do mesmo nome e sem qualquer história de maior que valha a atenção dos olissoenses.

As obras dos grandes músicos são sempre ouvidas com prazer...



O Rádio-gramofone
"His Master's Voice"

é o aparelho estudado especialmente para a perfeita reprodução dos sons musicais

Est. Valentim da Carvalho
R. Nova do Almada, 97



"Expedição ao país do oitro branco"

"Mistérios da Terra"

"Mosaico moçambicano"

"Figuras e episódios da Zambézia"

Os temas coloniais têm servido até hoje, na maioria dos casos, para uma literatura falsificada e convencionalista, com a marca comercial da importância para fins lucrativos ou de qualquer forma interessadas. Calaram-se depressa as vozes dos melhores escritores do género, como Julião Quintinha e Fausto Duarte, deixando o campo raso ao fervilhar de astuciosos que vêm impingir livros aos brancos como se impingem contas de vidro e panos de farricaria aos pretos de primitiva inocência. As excepções que se descobrem neste baldio das letras defendem-se pela modestia em que há sobrada dose de indiferença ou pelo trabalho tenaz que a si mesmo se justifica na descoberta dos mundos virgínicos ou de que tuguês de hoje liga importância muito relativa.

Castro Soromenho alinhna justamente entre os escritores de temas coloniais que merecem o apoio expresso da crítica, já que outros incentivos se não podem oferecer-lhes. Possui a experiência demorada, a compreensão generosa da vida africana, a seriedade da observação, o estilo do prosador que sabe cingir-se ao seu ambiente literário na efabulação. Ao contrário de tantos outros colonialistas de prestígio fabricado, Soromenho não mente — virtude máxima no género para um público como o nosso que não goza do privilégio de uma cultura orientada e séria. A verdade colonial e a verdade artística deste escritor testemunhou-se em «Homens sem caminho» e, definitivamente, em «Noites de Angústia», que é obra de categorias qualidades.

Mais dois livros sem a índole novelística dos primeiros, mais com legítima categoria literária, vieram recentemente reunir-se a estes. Na «Expedição ao país do oitro branco», Castro Soromenho narra a viagem do governador dos Rios de Sena, Lacerda e Almeida, às terras de Cazembe no interior da Zambézia. Realizada nos fins do século XVIII, essa viagem tinha o mérito de uma heróica antecipação, como se previasse as malogradas ambições que fecharam com o fracasso do «mapa côr-de-rosa» do ultimatum. Mais valioso é ainda, todavia, a revelação firmemente expressa de características da vida colonial que o explorador se chocou asperamente a espoliação dos indígenas, a grosseira, estúpida e cruelidade dos colonos, a imensa miséria da escravatura que fazia da África por nós descoberta e ocupada um terrível espaço humano de sofrimentos e infâmias. «Não se explorava a terra, explorava-se o homem», escreve o autor desta narrativa. Lacerda e Almeida tentou fazer com a sua viagem a ligação de Moçambique à contra-costa, mas abateu-o a morte antes que o fizessem fracassar as misérias da colonização. É essa experiência malograda, mas cheia de dramáticos ensinamentos que Soromenho descreve neste volume das «grandes epopeias» que a Livraria Clássica Editora tem publicado muito heterogêneamente. Na objectividade descritiva confunde o autor o seu inato lirismo e uma ânsia de justiça que estala por vezes sob a fachada impassível da narração. Sabe descobrir a miséria e a violência, a dolorosa inutilidade do mal e a vacuidade das tórpes ganâncias, para além do prestígio fácil que habitualmente se concede ao conquistador de terras, aventureiro que desbrava as terras ignoradas. No entanto, é preciso notar que a vocação justa de Castro Soromenho não é para moralista. Quando o pretende ser, neste livro, aparece nos banal e insípido, algumas vezes deploravelmente sentencioso. O seu clima é o da observação emocionada e do espaço psicológico mais ou menos vago em que se desenrolam, respectivamente, a aventura

externa e interior dos negros.

Na «Expedição ao país do oitro branco» nota-se outro defeito de composição literária a que o autor se deixou arrastar por sugestão do «diário» de Lacerda e Almeida: os preparativos da viagem aventureira do explorador demoram-se em longas páginas, restringindo o espaço consagrado à própria viagem e enervando o leitor na expectativa do que mais lhe importa neste livro. Tem ele o carácter de narrativa de aventuras e isto exige uma técnica perfeitamente compatível com a mais alta qualidade literária. Para não ir até Kipling, como mais alto exemplo, bastará lembrar as «Minas de Salomão», de Haggard, que Eça de Queiroz adaptou com verdadeiro génio. Dêsse modo os capítulos fundamentais da obra aparecem demasiado apertados, deixando certa impressão de desceantico no fim da leitura.

Absolve-os, sem dúvida alguma, o magnífico final em que se descreve a morte de Lacerda e Almeida e a dissolução do grupo expedicionário que juntara à sua volta. Aí atinge

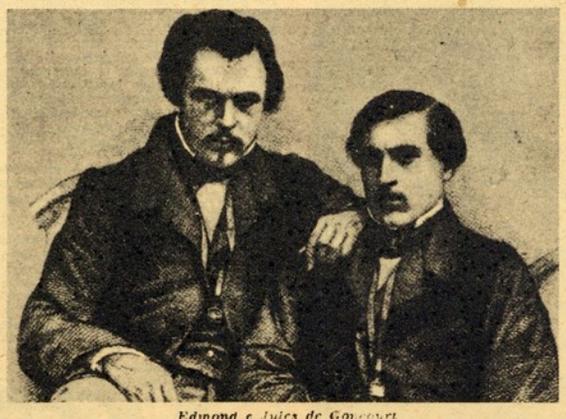
O PREMIO GONCOURT

A PESAR da delicadeza, finura e verdade humana da sua obra, os irmãos Edmond e Jules de Goncourt parecem ligeiramente ofuscados na moda literária dos nossos dias. Ninguém fala, que saibamos, na ressurreição da sua influência, como sucedeu com Victor Hugo ou Zola, por exemplo, depois de a ter merecido a obra de Eça de Queiroz. Fala-se mais dos Goncourt pela Academia e pelo prémio literário que constituíram, do que pelos seus livros em que brilha o melhor da civilização intelectual francesa.

A Academia e o prémio têm atravessado uma história mais ou menos acidentada. O testamento de Edmond de Goncourt determinava que o prémio fosse concedido anualmente por dez membros da Academia literária que fundaram, reinidos em banquete. Este facto bastou para dar a essa iniciativa, logo desde o princípio, um carácter mundano e publicitário que não a prestigiava muito. Espalhafato de repórteres audaciosos, algarazas dos candidatos, desinteligências dos membros da Academia Goncourt, têm dado há 40 anos farto alimento para a intriga da literatura mundanizada. Não quer isso dizer que o prémio Goncourt tivesse perdido a elevada significação que soube conquistar. A falta de prestígio moral tem sido compensada pelo prestígio literário da inteligentíssima escolha no certame das obras concorrentes. Ao prémio Goncourt se deve, em grande parte, a revelação de nomes de escritores como Marcel Proust, Henri Barbusse, André Malraux, Joseph Peyré, Maurice Bedel. Tem infinita graça, quase sempre, os prémios literários distribuídos em Portugal, quando os comparamos com esta série dos Goncourt...

A atribuição do prémio 1943 foi, no entanto, bastante complicada. Em primeiro lugar, os célebres 10 da Academia reduziam-se a 8: Rosny Jeune, Sacha Guitry, René Benjamin, Jean Ajalbert, Francis Carco, Lucien Descaves, Léon Larguier, Roland Dorgelès e La Varenne. Antes da concessão do prémio não chegou a estabelecer-se unanimidade entre os votantes para a eleição do novo académico. As opiniões dividiram-se irredutivelmente entre três candidatos: André Billy, Alexandre Arnoux e o grande poeta Paul Fort.

Finalmente, foi concedido o prémio pelos nove membros em exercício a um autor quase inteiramente desconhecido em França como no resto do mundo: Marius Grout, autor do romance «Passage de l'Homme». É professor de liceu e há vinte anos que prepara e aperfeiçoa uma obra literária que só há pouco começou a publicar. O futuro dirá se o Prémio Goncourt veio revelar mais um autor de génio, como quase sempre tem sucedido, prestando à literatura francesa e ao património artístico da humanidade mais um grande benefício.



Edmond e Jules de Goncourt

LITTERATURA

Soromenho o mais forte dramatismo, talvez mesmo grandeza trágica em que as figuras humanas se recortam como se as rodeassem chamas de dor e de angústia.

* * *

Na Coleção «Forum» publicou Castro Soromenho um trabalho de etnografia com intenção modesta «Mistérios da Terra», tendo como motivo central a circunscisão dos negros e os rituais da «mucanda», que a acompanham. A matéria de observação é firme e interessante; a matéria doutrinária e explicativa parece muito frágil. A ciência etnográfica do autor não é muito sólida e as suas conclusões são demasiado apressadas, talvez porque a própria verdade das observações restritas que lhe foram facultadas assim o induziram.

Os estudos de Frazer, Lévy-Bruhl e outros parecem demonstrar que práticas como a da «mucanda» constituíam símbolos de pacto social e a circunscisão uma marca do indivíduo com personalidade adquirida como membro do grupo humano em que se integra. Diversas razões, documentadas neste mesmo livro, parecem fortalecer esta tese.

«Mistérios da Terra» contém, além da matéria descritiva, boas páginas de paisagem e quadros de natureza animada que impressionam fortemente. Basta sugerirem com tão grande relevo a dor e a miséria imensas da vida selvagem, o valor de libertação que a cultura civilizada

oferece, mesmo quando culmina na melancolia ou no desalento intelectual, para dar mérito evidente a este livro de Costa Soromenho.

* * *

Filipe Moura Coutinho de Almeida d'Eça estacionou largos anos no interior de Moçambique, em pleno contacto com a vida indígena, nos aspectos dela que são acessíveis aos colonos brancos. Da sua experiência vem mostrar, com desprendida sinceridade, o que viu e conheceu, em crónicas que reúnem agradavelmente a ficção e o descritivo. O autor possui, por apurada cultura e não por hábito da prosa literária, o senso do estilo que cinge justamente à narrativa. Se algumas vezes é pesada e redundante a composição das personagens ou das cenas, quasi sempre avuita a realidade descrita, fazendo ver a distância a paisagem humana e geográfica da selva como ela deve apresentar-se realmente a olhos que a descubram sem outra preparação. Quere isso dizer que a vê de fora, sem qualquer intuito de entrar na realidade psicológica dos indígenas africanos; mas essa diminuição de valor literário não tem que ser considerada, visto o propósito do autor se limitar à composição deste livro como seu trabalho pessoal. Os contos e narrativas de «Mosaico Moçambicano» sucedem-se ao correr da improvisação e das recordações; expõem episódios vividos por Filipe de Almeida d'Eça, aspectos simbólicos dos costumes negros, aventuras e casos pitorescos de personagens seus na faina da colonização. Passou pela variada experiência da vida africana com a ligeza do homem robusto e sem inquietações interiores, mas dotado de nativa bondade e até de ironia, que pode ser firma muito inteligente de desprendimento. Por isso não se encontram neste livro, senão em remota exposição de circunstâncias, os aspectos de drama ou até de tragédia que sempre residem na essência destas vidas de colonos.

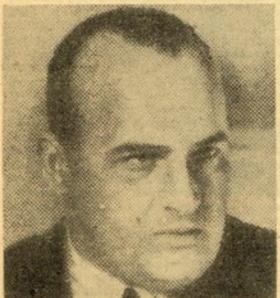
Honradamente reconhece que a mentalidade e a psicologia dos aborígenes continuam a constituir incógnitas para coloniais e colonialistas; e se é verdade que o caminho de descoberta para essas incógnitas constitui, afinal, o objectivo da literatura, muito mais que o da ciência investigadora, o incógnito se descobriu e não pôde ser descoberto sem um cunho de individualidade que enobrecer estas páginas onde se confundem tanta coisa: recordações de pessoas e de casos que se conheceram, notas de pitoresco e de exotismo, narração de costumes e outras preferências etnográficas colecionadas ao gosto da pena, evocações sentimentais cujo sentido intimo a idade não deixou perder. Em tudo isto manteve o autor a índole de memórias pessoais, ordenadas em função da sua dilatada experiência africana, mais do que a índole de narrativa com o objectivo de satisfazer a sua própria imaginação. Por isso se volta mais freqüente e seriamente para os leitores, compondo perante eles o quadro de uma vida em que vieram inserir-se «episódios e figuras» na fluência do tempo.

Francisco Gavinho de Lacerda ama o seu passado, a terra de Quelimane com as tradições colonizadoras e a proximidade do mar e da selva, ligando a história imóvel do gentio à sófrega agitação da gente branca que lá procura a riqueza fácil, a aventura ou o cumprimento do dever. Ama tudo com simplicidade e modestia, não fugindo à sugestão do cômico que na velhice parece mais enriquecida e à confusão da sensibilidade que o tempo dissolve mesmo quando é pouco literária. Bem sério e verdadeiro, apesar de todas as suas fragilidades.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Terrão *

Capítulo XXVI — Países ocupados — Polónia



O dr. Hans Frank, governador geral da Polónia

O GOVERNO GERAL

O Governo Geral, durante o período de ocupação da Polónia, foi formado com as províncias centrais e meridionais daquele país, descontados os territórios a que já fizemos referência e que haviam sido incorporados no território do Reich. Os limites orientais do Governo Geral foram, até Junho de 1941, data da entrada das tropas alemãs na Rússia, os que haviam sido fixados pelo acordo germano-soviético de Setembro de 1939, que consagrou a partilha da Polónia entre o Reich e a U. R. S. S. Depois da entrada das tropas alemãs na Rússia, os territórios da antiga Polónia, que durante cerca de dois anos haviam vivido em regime de ocupação soviética, passaram a ser ocupados pelos alemães.

O governo do Reich procedeu, então, a uma nova divisão administrativa de acordo com as suas conhecidas ideias sobre a função das terras de leste na economia e na vida da Europa. A parte meridional desse território, compreendendo as «voivodias» de Tarnopol, Stanislaw e a maior parte da «voivodias» de Lvov, cujo conjunto formava a região chamada pelos alemães Galícia, passou a fazer parte, sob o ponto de vista administrativo, do Governo Geral. O resto do território polaco que estivera sob a ocupação soviética foi repartido por duas novas unidades administrativas cujos limites se alargaram para leste, englobando parcelas de território pertencentes à U. R. S. S. A «voivodias» de Bialistock passou a fazer parte, sob o ponto de vista administrativo, da Prússia Oriental.

A situação jurídica das províncias centrais da Polónia passou, durante os primeiros anos da ocupação alemã, por uma evolução característica e directamente relacionada com a evolução dos objectivos políticos daquele país a leste. Em seguida ao termo das hostilidades foi publicado (12 de Outubro de 1939), um decreto do Fuhrer declarando que elas passariam a constituir um território perfeitamente autónomo com a designação de «Governo Geral dos Territórios Ocupados da Polónia». Esta designação indicava, claramente, que no pensamento dos dirigentes do Reich se tratava de uma situação temporária, a qual duraria apenas enquanto fôsse imposta por necessidade de ordem militar. Depois disso, porém, essas intenções apareceram sensivelmente modificadas e o Governo Geral havia de conhecer as mesmas dificuldades e vicissitudes que caracterizaram a vida do resto da Polónia ocupada.

AS MODIFICAÇÕES REGISTRADAS

Da designação inicial «Governo Geral dos Territórios Ocupados da Polónia» foram, pouco tempo depois, riscadas as palavras «Dos territórios ocupados», passando, portanto, aqueles territórios a ser designados simplesmente como «Governo Geral». Esta modificação de nomenclatura correspondia a uma modificação fundamental no pensamento dos dirigentes políticos do Reich em relação à Europa Oriental. Inicialmente havia, ao que parece, a intenção de criar um Estado tampão entre o Reich e a U. R. S. S. por se entender em Berlim que a existência de fronteiras comuns entre os dois países podia, mais cedo ou mais tarde, provocar um conflito militar entre ambos, o que efectivamente aconteceu. A Polónia seria novamente devolvida o papel de amortecedor para o duelo secular entre o germanismo e o eslavismo. Mas essa Polónia estaria sensivelmente reduzida e amputada de algumas parcelas que sempre fizeram parte da sua vida autónoma e estão inabreviavelmente incorporadas na sua tradição.

Essa ideia foi, porém, posta de parte perante a evolução ulterior dos acontecimentos internacionais e perante a resistência que, desde o início, começou a afirmar-se nessas províncias, como, de resto, em todo o território da Polónia ocupada pelos alemães. Mas na primeira fase dessa ocupação o respectivo governador, Franck, podia ainda afirmar com verosimilhança que o Governo Geral constituído pelas províncias centrais da Polónia se destinava a ser a refúgio de todos os polacos, os quais gozariam de completa autonomia sob os pontos de vista cultural, religioso e económico.

Não tardou, porém, que este pensamento aparecesse traduzido de maneira diferente, tanto na linguagem oficial dos dirigentes do Reich como nas expressões dos seus representantes locais, cuja atitude se modificava à medida que os acontecimentos evoluíam e a marcha da guerra indicava que o período das hostilidades seria muito mais extenso do que aquele que inicialmente havia sido previsto pelos chefes políticos e militares alemães.

OS SOFRIMENTOS DA GUERRA

Antes de referirmos a evolução do Governo Geral, sob a ocupação alemã, convém estabelecer a diferença nítida que existia entre os territórios que o compunham e o resto da Polónia, ocidental e oriental, em consequência das hostilidades entre polacos, alemães e russos. Os territórios da Polónia central haviam sofrido incomparavelmente mais do que quaisquer outros, e a sua população acusava, tanto no aspecto físico como no aspecto moral, as consequências desses sofrimentos prolongados e profundos.

Entre as localidades que suportaram os horrores da primeira fase da guerra-relâmpago na Europa deve indicar-se, antes de qualquer outra, a capital polaca, Varsóvia após uma resistência tenaz, durante vinte e oito dias, ao bombardeamento implacável da aviação e da artilharia do Reich. O cerco da cidade e a atitude da sua população ficaram na história como a mais bela página da resistência da Polónia a uma guerra para a qual não estava preparada e que constituía, militarmente, uma novidade para as próprias grandes potências europeias, as quais ela acabou por submergir.

No momento em que a cidade se rendeu, calcula-se que oitenta por cento das suas casas estivessem atin-

gidas, e que dessa percentagem aproximadamente metade tivesse ficado completamente destruída. As instalações de água, de gás e de electricidade tinham ficado arrasadas. Os meios de comunicação não existiam. As ruas estavam pejudadas pelos restos das barricadas, e irreconhecíveis como os buracos enormes que tinham sido abertos nos pavimentos pelas bombas da aviação e pelas granadas da artilharia. A cidade, quando os alemães penetraram nela, estava envolta em fumo, e no ar pairava o cheiro infecto dos cadáveres em decomposição amontoados sob os escombros das casas destruídas.

Além de Varsóvia encontravam-se numa situação igualmente lamentável, em consequência dos estragos que haviam sofrido as cidades de Lublin, Siedlce, Lowicz, Garwolin, entre outras. Por toda a parte, de resto, as linhas ferroviárias, as estradas e as pontes haviam sido praticamente destruídas, o que impossibilitava o funcionamento regular de todo o sistema de comunicações do país.

A ORDEM NOVA NA POLÓNIA

No Governo Geral foi sobre os escombros duma guerra particularmente dura que as autoridades alemãs tentaram construir a Ordem Nova. Essas tentativas tinham principalmente por objecto introduzir no país os princípios da doutrina nacional-socialista e fazer uma experiência dos novos métodos administrativos preconizados pelos teóricos do direito alemão. O novo Governador Geral da Polónia, dr. Franck, personalidade que gozava da mais inteira confiança pessoal do Fuhrer, declarava um ano depois da ocupação, em Novembro de 1940, que o Governo Geral devia considerar-se como o modelo mais perfeito do sistema administrativo que o Reich se propunha introduzir nos países da Europa Nova governada pela Grande Alemanha.

Durante esse ano, que acabava de decorrer, as autoridades alemãs afirmaram incansavelmente o seu propósito de não germanizarem o território do Governo Geral destinado a constituir o refúgio nacional do povo polaco. Chegaram mesmo a transferir para as províncias ocupadas do ocidente os súbditos polacos de origem alemã. Mas esta tendência não pôde ser observada ao longo de todo o período da ocupação, e a partir de certa altura os métodos de acção no território do Governo Geral passaram a ser sensivelmente semelhantes aos que tinham sido postos em prática nas províncias ocidentais da Polónia incorporadas oficialmente no território do Reich.

Uma série de decretos publicados a partir de 1941, de acordo com os princípios conhecidos do «Herrenvolk», estabeleceu na vida do Governo Geral uma distinção cada vez mais clara entre alemães e polacos, com as consequências naturais para estes últimos. As medidas de discriminação passaram a abranger estabelecimentos comerciais, armazéns, restaurantes, casas de espectáculo, meios de transporte, etc., os quais eram reservados para alemães ou

polacos, com a interdição absoluta de serem aproveitados pelos segundos os que eram destinados aos primeiros. Em algumas cidades foram criados bairros para a residência de alemães, especialmente em Varsóvia, Cracóvia e Czesochova. Noutros casos, certos bairros residenciais dos polacos foram entregues à parte da população alemã que, em muitos deles, utilizava o mobiliário dos antigos proprietários.

O ESFORÇO DE GERMANIZAÇÃO

O esforço de germanização intensificou-se, como dissemos, a partir de 1941. Os nomes das ruas das principais cidades do Governo Geral e os nomes de alguns bairros foram modificados, passando a adoptar-se designações germânicas. Em alguns casos foram dados a ruas e bairros nomes de personalidades alemãs conhecidas. Noutros, os nomes polacos foram traduzidos para alemão. A praça do marechal Pilsudski, em Varsóvia, passou a chamar-se praça Adolfo Hitler, nome que também foi dado principal praça de Cracóvia.

As autoridades de ocupação, no seu esforço de germanização, tiveram um cuidado particular em eliminar, tanto quanto possível, as recordações históricas que podiam lembrar às gerações futuras os períodos brilhantes da história da Polónia. A função deste país nos destinos da Europa Oriental. Os monumentos que, de qualquer maneira, tinham um significado anti-alemão, como o do vencedor da batalha de Grunwald, existente em Cracóvia, foram suprimidos.

O esforço de germanização exerceu-se igualmente, pelo que diz respeito às instituições culturais do território do Governo Geral, as quais foram objecto de uma vigilância rigorosa e de um tratamento especial. A literatura polaca passou a ser substituída, em grande parte, pelas obras de doutrinação alemã. Nas bibliotecas locais esta obra de depuração teve os seus reflexos imediatos e profundos, sendo eliminadas as publicações que podiam representar uma sobrevivência da cultura polaca e substituídas por outras em que as novas concepções da raça e do sangue tinham um lugar importante.

Este aspecto da acção de germanização desenvolvia-se simultaneamente no plano literário, histórico e científico, e visava, duma maneira geral, a fazer a desonração de que os países da bacia do Vístula deviam ser ocupados e governados pelo Reich de acordo com a tradição e com as indicações do passado. Esta tendência levou a eliminar mais de três mil obras de autores polacos, sobretudo aquelas cuja obra constituía, directa ou indirectamente, uma exaltação do povo polaco e da sua acção no decurso das séculos. Era este o fundamento científico da ocupação e, como sempre acontece em casos semelhantes, dele partiam as autoridades de ocupação para as conclusões práticas de ordem administrativa e política, que precidiam à realização da sua missão oficial.

(Continua)



SEGREDOS DA TENSÃO ARTERIAL

TODA a gente tem tensão ou pressão arterial. O sangue, como qualquer líquido, exerce uma certa força nas paredes dos vasos em que está contido. E sendo o sangue animado de velocidade relativamente alta, essa força é bastante grande nas artérias, onde o coração — que é uma bomba complexa de 250 gramas — despeja o precioso líquido a cada batida. Na aorta, que parte directamente do coração, a velocidade do sangue é de 45 a 60 centímetros por segundo; nos membros, a velocidade também é alta. À medida que passa dos grandes vasos para os pequenos, o sangue corre menos depressa e, por isso mesmo, a pressão é menor. Nos capilares, a velocidade é apenas de 25 milímetros por segundo; aí, a pressão é mínima.

Como todos têm tensão arterial, o que há a temer é a «hipertensão» ou tensão elevada, ou a «hipotensão», ou tensão mais baixa que o normal. A pressão normal dum pessoa é equivalente a cerca de metro e meio. Isto significa que, se se abrir uma artéria principal, um jacto de sangue de um metro e meio de altura esguichará para o ar. Em casos de alta pressão de sangue, poderá atingir três metros ou mesmo mais.

A descoberta da pressão sanguínea não foi feita por um médico, mas sim por um pároco de aldeia inglês, o reverendo Steffen Hale, há uns 200 anos. Hale fez a sua descoberta, ligando um tubo de vidro de dois metros e setenta centímetros de altura a uma grande artéria dum cavalo. Notou, então, que o sangue se elevava, no tubo, a uma altura de dois metros e quarenta centímetros, pois o cavalo tem uma pressão arterial mais elevada que os seres humanos.

Actualmente, os médicos medem a pressão das artérias dos seus doentes por meio dum aparelho muito engenhoso, formado por um pequeno pneumático de borracha que envolve o braço do paciente; o pneumático está provido dum revestimento de pano.

Quando se deseja medir a pressão do sangue, enche-se o pneumático até a sua pressão ser suficiente para fazer parar o pulso. Isto é: opõe-se à força do sangue nas paredes das artérias uma força um pouco superior; assim, as batidas do pulso param. A pressão dentro do pneumático é indicada por um manómetro com ponteiro.

Quando se fazem exercícios musculares, necessita-se duma circulação mais intensa do sangue. Para compensar estas necessidades, a circulação é aumentada pelas pulsações do coração, o qual bate com mais força e maior rapidez, elevando-se temporariamente a pressão do sangue. A excitação e as emoções elevam consideravelmente esta pressão. É este o motivo porque as pessoas dum certa idade caem algumas vezes mortas quando se excitam a ver jogos de futebol, etc. Os seus vasos, enfraquecidos pela idade, não puderam suportar o esforço.

No caso de choques reflexos, que se produzem em todos os casos de ferimentos, compreendendo-se nêles as operações cirúrgicas, a pressão do sangue baixa normalmente. O tratamento, nestes casos, é aquecer o doente e activar a circulação no cérebro.

Na doença de «hipertensão» do sangue, a pressão está permanentemente «exaltada» mais acima que o normal, podendo ser duas ou três vezes mais elevada. A hipertensão produz sintomas desagradáveis: enxaquecas, sonolência, tonturas, irritabilidade, hemorragias pelo nariz e sensações estranhas em várias partes do corpo.

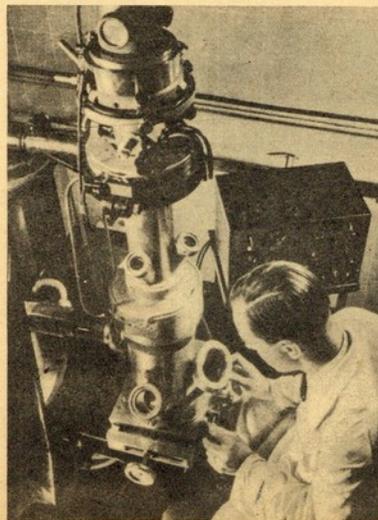
Além das causas apontadas de hipertensão, há várias outras, sendo muito frequente a hipertensão por esclerose ou endurecimento das paredes das artérias.

Como é muito vulgar a hipertensão em pessoas de quarenta anos para cima, e esta doença é a causa de inúmeras e inesperadas mortes, as Companhias de Seguros fazem examinar os seus clientes e rejeitam os hipertensos.

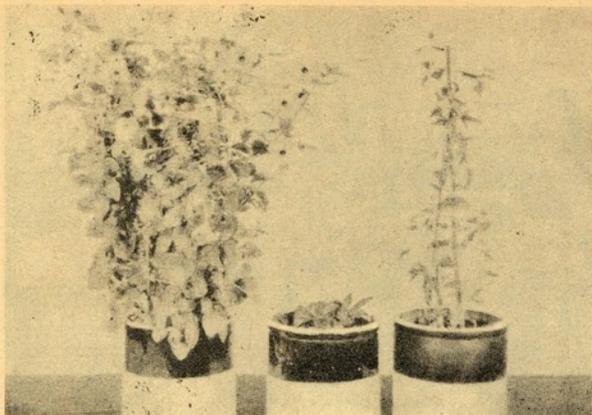
O descanso é o melhor preventivo da hipertensão arterial. Um repouso de nove horas por dia, na cama, contribuirá muitíssimo para evitar futuros riscos. A alimentação em excesso é também uma causa bem definida de agravamento. Beber álcool é pior ainda. Repouso, alimentação cuidada, a completa abolição de excitantes fisiológicos ou psicológicos desnecessários — tudo isto poderá evitar a morte prematura do hipertenso.

Microscópio electrónico

EIS um microscópio nada semelhante aos microscópios clássicos. Até há poucos anos, supunha-se que seria impossível ver objectos mais pequenos que os abrangidos pelo ultra-microscópio. Os cálculos dos físicos diziam que se chegara ao limite da amplificação; utilizando o vidro como lente e a



luz habitual como iluminação, não se poderia ir mais longe. No entanto, o génio humano nunca desiste, e acabou por franquear as barreiras, inventando novas lentes sem vidro, e uma iluminação especial. O microscópio electrónico possui lentes electro-magnéticas; tal como as lentes de vidro desviam a luz habitual, assim um campo magnético é capaz de desviar um fluxo de electrões (partículas eléctricas elementares e ultra-pequenas) e originar amplificações 30.000 vezes maiores que o objecto. Tem-se visto coisas admiráveis com o microscópio electrónico, mas a sua aplicação está ainda na infância e constitui quasi uma raridade.



AS PLANTAS E A LUZ

Todos conhecem os efeitos da luz sobre as plantas. Mas os sábios não se contentam com o que todos sabem, e querem ir mais longe. Como a luz do sol é uma mistura de luzes de diversas cores — tantas quantas as reveladas no arco-íris — os botânicos investigaram quais dessas luzes influem mais no crescimento das plantas. A foto mostra, à esquerda, os efeitos da luz do Sol pura e simples; ao centro, os efeitos da luz azul, um dos componentes da luz do Sol; à direita, as conseqüências da iluminação vermelha. Semelhantes experiências têm grande importância no estudo da fisiologia botânica e no desenvolvimento das plantações em estufas.

Qual a distância a que se encontra o Sol

O problema da determinação da distância do Sol é um dos mais importantes na astronomia, porque entra em quasi todos os cálculos de distância em massa, ou de dimensões e densidades dos planetas e dos seus satélites, ou das estrelas.

Segundo a famosa lei descoberta por Kepler, em princípios do século XVII, as distâncias relativas dos diversos planetas estão, de maneira simples, relacionadas com os tempos gastos para descrever as suas órbitas em torno do Sol. E com base neste princípio se determina a distância do Sol.

A ocasião mais favorável para uma determinação exacta, só surge quando um planeta, com uma órbita exactamente conhecida, se aproxima da Terra.

O pequeno planeta Eros, cujo diâmetro mede apenas 16 quilómetros, chega de vez em quando suficientemente perto da Terra para fornecer uma oportunidade favorável. Em 1931, fez a sua maior aproximação do nosso planeta, desde a sua descoberta em 1897, sendo a sua distância, naquela ocasião, de 26 milhões de quilómetros.

De acordo com a lei de Kepler, basta determinar a distância de qualquer planeta do sol, para se poder determinar a escala do sistema solar inteiro e, por isso mesmo, a distância do Sol.

Vinte e quatro observatórios, em todo o mundo, fizeram as suas observações, segundo um plano pré-estabelecido, graças à cooperação científica internacional. Ao Observatório Real de Greenwich, em Inglaterra, coube a tarefa de analisar os milhares de fotografias tiradas e deduzir a distância a que o Sol está da Terra.

E só agora a tarefa foi dada por acabada. Verificou-se que a distância do Sol (segundo o maior raio da órbita da Terra) é de 149.677.000 quilómetros, com uma incerteza de 16 mil quilómetros.

A distância admitida, segundo medidas anteriores, era de 149.427.000 quilómetros, com uma incerteza de 80 mil quilómetros.

«DOUTOR, VOMITEI SANGUE»

É sempre grave vomitar sangue, mas os doentes enganam-se quando se julgam muito mal por a hemorragia ter sido muito abundante. Por vezes, uma ligeira saída de sangue é um sintoma muito mais perigoso.

Quasi sempre, quando o médico vê o doente já a hemorragia parou, mas é um testemunho importante o sangue derramado sobre as roupas ou num recipiente. É a base para precisar o diagnóstico, porque o sangue saído pela boca não provém, necessariamente, do tubo digestivo, mas pode vir dos pulmões.

Em geral, o sangue que vem dos pulmões é vermelho e «aerificado», (cheio de bolhas de ar), enquanto que o das vias digestivas se apresenta escurecido. Por outro lado, a «hemoptise» (sangue vindo dos pulmões) produz-se na altura de um ataque de tosse, e a «hematemese» (sangue vindo das vias digestivas) é acompanhada de perturbações digestivas, dores e, principalmente, náuseas.

No caso de «hematemese», o sangue pode provir de uma úlcera no estômago, de um cancro e, por vezes, de uma cirrose no fígado. A úlcera do estômago, em certos casos, origina hemorragias de intensidade média, se foi uma arteriolar em contacto com a úlcera que se rompeu, ou, tratando-se da ruptura de uma artéria importante, uma hemorragia fulminante, capaz de produzir a morte súbita do doente. O cancro ocasiona hemorragias mais discretas, de sangue escuro.

Não é raro que, tratando-se de um cancro de estômago, surja uma hemorragia precoce num indivíduo que até então se considerava de boa saúde. São hemorragias salvasoras, porque se adiantam vários meses e, às vezes anos, aos outros sintomas do cancro estomacal, dando, assim, um sinal de alarme da maior importância para iniciar um tratamento eficiente.

A PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA NO LIMIAR DO 6.º ANO DE GUERRA

A TRAVÉS das listas dos filmes que as casas distribuidoras contam apresentar na próxima temporada, pode fazer-se já uma ideia aproximada do panorama de conjunto que ela oferecerá aos nossos olhos. Estamos no quinto ano de guerra. E todas as dificuldades que até aqui se têm anteposto ao regular desenvolvimento da indústria e da produção cinematográfica, hoje dominada pelos acontecimentos que assolam o mundo, apresentam-se, no limiar da temporada 1944-1945, singularmente agravadas, como é natural. Se a batalha da Europa abalou nos seus alicerces essa realidade magnífica que era a indústria europeia do cinema — a frente do Pacífico desequilibrou por completo a perfeitíssima engenharia da produção americana.

A mobilização de técnicos e actores, e as necessidades políticas a prevalecer sobre as razões de espectáculo — fizeram com que o filme americano perdesse, em grande parte, a característica primordial de produto de exportação.

Estamos perante uma guerra impiedosa, que se estende a todos os domínios e a todas as actividades. O cinema, pela sua formidável força de expansão e de sugestão, está hoje praticamente mobilizado e, na América, forma orgulhosamente ao lado das forças conjugadas, que buscam com heróico afã a vitória. Os problemas e os assuntos nacionais têm, como é lógico, a primazia dentro dos estúdios. Daí, as dificuldades impostas aos países que afirmaram a sua neutralidade, posição «que não é fácil nem cómoda», até mesmo perante os espectáculos da tela. E, por outro lado, levando quasi exclusivamente para os estúdios os temas que constituem a preocupação dominante da hora que passa, certos filmes perdem, fora do país de origem, o valor inapreciável que encerram dentro das próprias fronteiras.

Uma vista de olhos, lançada sobre as listas das firmas distribuidoras, documenta largamente o que deixamos dito. Crise de quantidade — e crise de qualidade. Não quer isto dizer, evidentemente, que a nova época nos não traga produções tão boas como as melhores que o cinema nos tem dado. Quer dizer apenas que 1944-1945 vai ser uma temporada difícil.

A produção nacional, que tão galhardamente mantém o título de favorita do público português, promete-nos, em compensação, uma programação variada. E, assim, além dos filmes luso-espanhóis «Inês de Castro» e o que Artur Duarte espera realizar em Madrid, teremos «A vizinha do lado», de António Lopes Ribeiro; «O fanqueiro da esquina», de Jorge Brum do Canto; «A noiva do Brasil», de Santos Mendes; e o primeiro filme da «Cinelândia» — isto a julgar pelas notícias dignas de crédito.

E se a produção nacional puder compensar os inconvenientes de um ano de crise, mais razões teremos ainda para pedir, para ela, o carinho do público e a boa vontade daqueles que têm o dever de velar pela existência da própria indústria.

FERNANDO FRAGOSO



Que estará Red Skelton a fazer? Eleanor Powell? A ensaiar uma tortura? A experimentar um novo passo de dança? A ensinar-lhe um golpe de «ju-jitsu»? Nada disso. Segundo informa a legenda americana, tenta reanimá-la, após um des-malo súbito... E aqui têm uma cena do filme «Um marido por acidente». O que não sabemos é se este terá sido o acidente, que os levou ao altar...



Eleanor Powell, a admirável bailarina, apresenta, num dos seus próximos filmes, um curiosíssimo bailado, que é uma mistura saborosa dos prodígios dos «scow-boys», com laços e jogos de cordas, e das mais fantasistas e arrojadas concepções coreográficas. E, enquanto não vêm o bailado, entretêm-se, leitores, a contemplar as bailarinas — e, se assim quiserem, a eleger, entre elas, a vossa favorita...

SABE ALGUMA COISA DE CINEMA?

6 ANOS DE EXIBIÇÃO ININTERRUPTA DE «E TUDO O VENTO LEVOU»

A pedido dos nossos leitores, que manifestam por estes passatempos uma preferência nitidamente marcada, damos, a seguir, mais um «test», para pôr à prova os seus conhecimentos cinematográficos:

- 1 — Império Argentina é...
 - ...espanhola
 - ...mexicana
 - ...argentina.
- 2 — Roscoe Arbuckle, que se popularizou sob o nome de Fatty, foi afastado do cinema...
 - ...por ter emmagrecido
 - ...por não saber falar
 - ...por estar envolvido num escândalo público.
- 3 — Qual destes filmes teve, nas suas duas mais célebres versões, Mae Murray e Jeannette Macdonald, como protagonistas...
 - ...«A Viúva Alegre»
 - ...«A Princesa Endiabrada»
 - ...«Rose Marie».
- 4 — Em qual destes filmes Clark Gable desempenhou o papel de médico...
 - ...«Médicos de hoje»
 - ...«Os Homens da Blusa Branca»
 - ...«Internos dos Hospitais».
- 5 — Qual foi a primeira personagem célebre criada por Walt Disney...
 - ...o rato Mickey
 - ...o pato Donald
 - ...o cão Pluto.
- 6 — Qual foi a vedeta feminina de «Adeus, Mr. Chips»...
 - ...Joan Fontaine
 - ...Greer Garson
 - ...Merle Oberon.
- 7 — António Silva apareceu, pela primeira vez, no filme...
 - ...«A Varanda dos Rouxinóis»
 - ...«A Canção de Lisboa»
 - ...«As Pupilas do Senhor Reitores».
- 8 — «O Cantor do Jazz», um dos primeiros filmes sonoros, foi interrompido por...
 - ...Rochester
 - ...Al Jolson
 - ...Eddie Cantor.
- 9 — Em que filme Charlie Chaplin engolia o apito?
 - ...«A Quilmera do Ouro»
 - ...«Luzes da Cidade»
 - ...«Tempos Modernos».
- 10 — O realizador de «Sob os telhados de Paris» foi...
 - ...René Clair
 - ...Jacques Feyder
 - ...Julien Duvivier.

Mais de oito respostas é um excelente resultado. De cinco a sete pode considerar-se bom. Menos de cinco e mais de três, fracos conhecimentos na matéria. Menos de três, não tentar para outra vez...

(Ver as respostas na página 7)

HÁ seis anos, antes da guerra se abater sobre o mundo, estreou-se em Londres «E tudo o vento levou», que Lisboa viu na presente temporada.

Desde então, a fita nem um só dia deixou de estar em exibição, e depois de se ter mantido durante alguns anos na tela do cinema estreado, transitou para outras salas, sempre com pleno êxito.

Só há dias, sem a exibição haver sido interrompida, se iniciou o novo ciclo de exploração, desta vez nos preços normais.

Eis um «récord» difícil de igualar.

A MENINA DA RÁDIO VAI SER FINALMENTE A MENINA DA RÁDIO

O título parece, pelo menos, um pouco disparatado — não é verdade? Mas explicadas as coisas, verão que tem sua razão de ser.

Como todos sabem, Maria Eugénia, a adorável intérprete de «A Menina da Rádio» — é, no filme, uma rapariga que sonha com a glória de cantar numa grande Emissora, e acaba por conseguir o seu «desideratum» em circunstâncias que são do conhecimento de todos.

Simplemente, se o filme na sua primeira fase acompanhou a realidade dessa compreensível ambição, a realidade, por seu turno, não acompanhou o desfecho fantasista que o cinema deu ao sonho da Géninha...

Nunca é tarde, porém, para rectificar o que está errado. E Maria Eugénia, que tem público e uma lindíssima voz, que estudou canto e sabe cantar, vai finalmente, no próximo dia 19, pela primeira vez, ao microfone da Emissora Nacional, mostrar-nos as suas habilidades numa «Hora de Variedades» que se realiza no Estoril.

E tudo se passará, por certo, como no filme, salvo no que diz respeito à direcção da orquestra, que não será, claro está, do Oscar de Lemos...



Os críticos dos corredores...

NÃO sabemos se todos os nossos leitores são frequentadores de «premiêres». Naturalmente não são — e, vá lá, por isso não os vamos censurar. Em todo o caso, sempre lhes diremos que perde um bom espectáculo quem não vai às «premiêres». Não nos referimos evidentemente, ao espectáculo do palco. Porque esse, até, em via de regra, não é o melhor no dia da estreia. Depois que os ensaios começaram a ser feitos por conta-gotas, com horários de trabalho como qualquer empreitada — as peças começaram a ir à cena um bocadinho mais coladas, porque os empresários não estão dispostos a pagar um mês de ensaios. Por isso, às vezes, uma estreia equivale a um ensaio geral — e quem lucra é o público, a partir do 2.º ou 3.º dia de representação. Portanto, o espectáculo a que nos referimos não se desenrola no palco — mas nos corredores. Há meninos — e meninas — que vão às estreias só para dizer mal da peça e dos autores, antes mesmo do espectáculo começar. Eles sabem de tudo: que os actores são frouxos, que o entreccho é imoral, que aquilo vai ser uma estopada, que vão submeter-se a três horas de sacrifício inglório...

Enfim, parece que todo o mundo é super-crítico, super-autor — e ainda por cima super-espectador. Sem o mínimo respeito pelo esforço de quem teve a coragem de fazer alguma coisa — mesmo que seja mau, é um caminho de progresso — esses críticos de corredor, que são muitas vezes os grandes homens que refundem o mundo e a humanidade à mesa dos cafés do Chiado, nada fazem, nada produzem de útil...

Nós até conhecemos alguns «habilidades» de estrelas que costumam pendurar-se nas conversas dos outros frequentadores de «premiêres» — só para fazerem um bocadinho de má-lingua, como eles próprios confessam...

As três pancadas

NO VARIEDADES

O assunto não é novo. O Nacional deu-nos, há anos, pelo menos, uma peça com um entreccho idêntico. Intitulava-se: «Como se faz um homem», sendo o primeiro papel masculino desempenhado, e muito bem, por Estêvão Amarante. Ladislava Fodor deu-nos, em tradução de José e Luís Galhardo (Filho), esta «Festa de Pontes» que é um titulo um bocadinho forçado mas que, enfim, se justifica pela actualidade «brilica» que vivemos. O autor, que já nos deu outras peças, confirma a sua técnica: um primeiro acto impressionante de originalidade, fantasia e velocidade; um segundo normal e um terceiro acto frouxo. O que mais prejudica as peças deste húngaro deve ser a «previdência» do espectáculo. Atrás de nós, na platéia, estava um senhor que, à segunda entrada do homem que pedia emprego logo exclamou:

— Querem ver que este é o Castanheira?

Os adaptadores são pessoas experimentadas em coisas de teatro. Lá terão tido, portanto, as suas razões para carregar o traço das figuras e meter, mesmo na peça um «Sebastião como tudo, tudo...».

* O «snape» feminino é só de acompanhamento e até se força a presença de Maria Helena na cena da reunião, não sabemos se por estar na peça, se por os adaptadores quererem ser amáveis. O papel era simples, por isso representá-lo não foi glória para Maria Helena. As outras intervenções são de Aida Ulitz — vinda há pouco do cinema — Maria Córte Real e Eunice Muñoz, muito graciosa e uma futura artista estamos certos, mas que precisa de cuidar da voz, para não dar a impressão de que se esforça muito e silaba mal.

* O cenário do primeiro acto é irritante como a gravata do Raúf de Carvalho. O do 2.º acto é simplesmente impossível de pôr e de lógica. Uma sala de reuniões solenes com aquelas pinturas, só num 4.º andar da ruas dos Fanqueiros... em 1900.

ESPECTADOR



“A viagem de Theséu”, em Paris, faz-se a bordo da “Santa Maria”...

O leitor está a ver o que se lê no costado desta barca? «Santa Maria!» E, no entanto, não se trata de uma montagem portuguesa, mas, simplesmente, de um «décor» de uma peça de aventuras que está a representar-se em Paris — e que se intitula «A viagem de Theséu». Trata-se de uma tragédia cômica de grandes montagens, em que sete rapazes de vinte anos, novos argonautas do nosso tempo, vão combater o minotauro... Pelos vistos, a viagem, que é acidentadíssima, faz-se em barco português, sob a protecção da Virgem...

Na interpretação — esta foto foi feita ainda num ensaio — entram, como se vê, a contar da esquerda: Jean Marchat, Marie Casares e Marcel Herrand. Na foto vê-se, também, o autor George Neveux, que é o segundo a contar da esquerda, e que se estreou com «Julietta ou a decifração dos sonhos», criada por Falconetti no Theatro de l'Avignon. «La voyage de Theséu» representa-se no Mathurins e tem música de Claude Pascal.

Ontem, cantora... hoje figurante

LISBOA conheceu-a. Chama-se Helene de Verneuil e frequentou os nossos «music-halls» do após guerra, depois de ter sido o grande êxito de Paris. Cantava lindas valsa lentas no «Petit-Casino». Hoje, porém, Helene de Verneuil, que o tempo val duro e a sua mocidade se extingue, é uma simples figurante das grandes peças e nos pequenos filmes. Ei-la nestas duas fotos: a primeira, feita nos seus tempos áureos do Casino, a segunda numa cena representada num teatro francês.



Pede-se uma lei!

P EDE-SE uma lei. Uma lei que chame às realidades as obrigações dos pais e de quem tem a seu cargo a educação das crianças.

Será lógico, possível e humano que ainda hoje as crianças assistam a espectáculos nocturnos, porque o egoísmo dos pais é superior às conveniências das crianças?

Precisamos de uma raça forte, toda a gente proclama conhecimentos, necessidades e alvíres, para que se dê aos organismos frágeis o repouso, o horário e a disciplina indispensáveis ao seu desenvolvimento normal e regular. Por que se há-de, então, descuidar esta circunstância fundamental? Os pais, os parentes que cuidam de crianças deviam saber muito bem que o seu repouso a horas certas é indispensável. Mas, porque o não sabem — ou não querem saber? — é preciso que se lhes diga, de uma forma irrefutável e indiscutível, que não podem levar ao teatro ou ao cinema, crianças que às dez horas, o mais tardar, devem ir para a cama.

Nós bem sabemos que a maioría das vezes quem leva os filhos aos espectáculos nocturnos são os pobres que não têm criadas ou familiares que com eles fiquem em casa. Gente «bem» teria até vergonha de apresentar um «bebê» no teatro ou no cinema...

A verdade, porém, é que a saúde dos filhos é superior ao desejo de os pais se divertirem. E quando eles não compreendam que é assim — mostre-se-lhes a lei, uma lei que pedimos para ser incluída nas muitas disposições que regem os espectáculos.

Lá fora, há muitos países onde, a partir das 10 horas, os espectadores são convidados a retirar acompanhados das crianças — se é que não preferem ir levá-las à porta, onde alguém de família as espera.

Isto que parece impicativo e pode fazer os empresários levar as mãos à cabeça, é, afinal, tão simples de obter, como o hábito de acabar com o fumo nas salas de espectáculo e os chapéus das senhoras, durante a representação.

Ao princípio, não havia quem não recalcitrasse quando o empregado, muito discreto, chegava ao pé da senhora e dizia: «Queira desculpar, mas peço o favor de tirar o chapéu...».

As senhoras faziam-se muito vermelhas, inchavam um bocadinho com a raiva, mas arrancavam o chapéu e escangalhavam o penteado, depois de dizerem quasi sempre uma frase desleigante ao pobre funcionário que se escapula discretamente nas sombras da coxia...

Enfim, hoje todas as senhoras vão em cabelo. Todos os homens passam uns 40 minutos sem fumar — e o Teatro, se está em crise, não é por causa da lei contra o fumo e contra o chapéu...

Tudo val do hábito, da maneira como as coisas se fazem — e da boa compreensão do público. Estamos absolutamente convencidos de que connosco estão os médicos, os bons pais e as pessoas de inteligência e cultura: faça-se uma lei, proíba-se que as crianças com menos de 12 anos assistam a espectáculos nocturnos!

Poeira do palco

* José Gamboa é um galã, único no género, entre nós. Por que não há-de ir para o Nacional?

* Anunciou-se que Brunilde Júdice e Alves da Costa iam para aquele mesmo teatro. Sabemos — ou julgamos saber... — que nada até à data foi tentado nesse sentido. Mas por que não há-de tentar-se?

* Armando Vieira Pinto voltou a entregar no Teatro Nacional — desta vez ao Conselho de Leitura — a peça «Vida Fácil» que motivara certas discordâncias entre o autor e a empresa.

* Diz-se que um autor retirou da companhia do Ginásio, que trabalha presentemente no Nacional, uma comédia da sua autoria, por não concordar, desta vez, com as modificações que uma das primeiras figuras da companhia queria introduzir-lhe.

* Augusto da Costa, que há anos representou «Fôgo de Palha», entregou a Brunilde Júdice uma nova produção.

* Entre os trinta e tantos originais que foram entregues ao Conselho Nacional de Leitura, há peças de autores de todas as idades, desde os de 20 aos de 70 anos, figurando, entre todas uma peça do Dr. Fernando Pamplona.



Goupe o seu dinheiro!

NÃO O EMPREGUE NUM TRABALHO DE QUALIDADE DUVIDOSA

OS ATELIÉRES GRÁFICOS

BÉRTRAND (IRMÃOS), L. DA

Trav. da Condessa do Rio, 27 - LISBOA - Telef. P. B. X. 21368 - 21227

EXECUTA COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO E RAPIDEZ TODOS OS TRABALHOS DE

**FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET E
LITOGRAFIA**



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

12,45	WRUS	30,9	WRUA	25,45	WKLJ	30,75	
13,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WGEO	19,56	
14,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUW	25,58	WBOS 19,7
17,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45	WRUL	19,5	
18,45	WRUS	19,83	WRUA	25,45			
19,45	WRUS	19,83	WRUA	26,9			
20,45							
				(Meia hora de programa especial)			
21,15	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEA	25,3	WGEX 25,4
21,45	WRUS	19,83	WRUA	26,92	WGEO	19,5	WGEX 25,4
22,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WRUL	25,58	WKLJ 36,77
23,45	WRUS	30,94	WRUA	39,6	WKLJ	30,77	

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutado por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

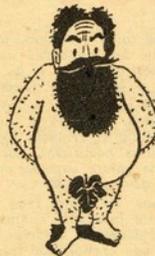
P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



À venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Correios, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

O homem primitivo dispensa o **CASULO** Limpa-Fatos



O homem civilizado não pode dispensá-lo, visto «CASULO» eliminar radicalmente o LUSTRO, as NÓDOAS, o MAU CHEIRO e TORNAR OS FATOS COMO NOVOS E MAIS DURÁVEIS.

Esta síntese admirável de 6 substâncias químicas inofensivas

Só custa 2\$50

EM TODAS AS DROGARIAS

Revenda:

SCHROETER & ALMEIDA
Rua da Madalena,
128, 2.ª — LISBOA



Cabelos cheios de sol



«Lavolan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. A venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.ª, Rua dos Figueiros, 135, 3.ª. D.ª — Telefone 4 3582.



AO SOL
Sem queimaduras só com **Bronzisol**
protege e bronzeia a pele

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
AV. DA LIBERDADE, 35 - LISBOA - TEL. 21866

M.º CAMPOS

★ PASSATEMPO ★

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

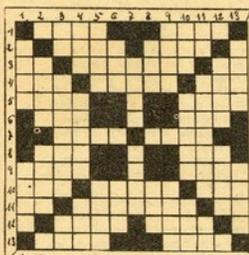
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA Á R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 41

Por José Duarte
(Lisboa)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — A escória da sociedade; indica fim. 2 — Riqueza; pé de animal. 3 — Carta de jogar; viveiro de aves; mulo. 4 — A pátria; cantigas; pêlo das ovelhas (pl.). 5 — Contral aliança; abertura de sulcos nos campos. 6 — Goste; nome de mulher. 7 — Habilidade; canal por onde correm as águas. 8 — Poema lírico; altar de sacrificios. 9 — Tempo do verbo *tr*; vestuário sem corpo, que as mulheres usam por baixo do vestido. 10 — Cabelos brancos; fôlha da videira; porém. 11 — Artigo (pl.); batina de eclesiástico; isolado. 12 — Anulação; montão. 13 — Estaque; cura.

VERTICAIS: 1 — Engaste de pedra preciosa; levantas. 2 — Divisão de uma casa; rezas. 3 — Prep. e artigo; metrificadas; ande. 4 — Planeta; que vive no ar; existir. 5 — Prado; pessoa baixa e gorda. 6 — Curso de água por entre margens (inv.); ligo. 7 — Nome feminino; vento brando. 8 — Contração de *para*; escarnecer. 9 — Ascendentes; semente de uma planta umbelifera. 10 — Uno; enredos; estima. 11 — Batráquio; purificaram; clima. 12 — Saco para encomendas postais; criada grave (pl.). 13 — Estro; motivos.

PROBLEMA N.º 40

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Pressa. 2 — Teixeira. 3 — Lado; mapa. 4 — Revi; dola. 5 — Odor; olas. 6 — Sol; ode. 7 — Ara; Gil. 8 — Regi; Rino. 9 — Sem; aço. 10 — Mar; ato. 11 — Nazaráre.

VERTICAIS: I — Rosar. II — Ledores. III — Tavolagem. IV — Pedir; iman. V — Rio; ra. VI — Ex. VII — Se. VIII — Slim; ar. IX — Arado; raie. X — Apolôgico. XI — Aladino. XII — Aseio.

DAMAS

(Secção espanhola)

De «La Provincia» — Las Palmas
(Espanha).

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora
Telde — G. Canária — Espanha

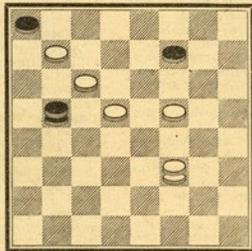
1.º CONCURSO PROBLEMISTA
DE «DAMAS»

Composição n.º 9 (Final artistico)

Lema: «Lustada II»

«La Provincia», 17-8-44 — Las Palmas
(Espanha)

Pretas: 1 «dama» e 2 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 4 «pedras».
Jogam as brancas e ganham.

Posição das peças:

B. — Pedras em 18, 19, 23 e 28.
«Dama» em 10.
P. — Pedras em 26 e 32.
«Dama» em 20.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

pelo Dr. Carlos R. Lafora
(Continuação)

Devido a isto nasceu o desejo de reivindicar para Espanha esta propriedade, que unido à criação de uma teoria sobre o problema de «damas» nos fez escrever um livro que não pudemos publicar pelas dificuldades actuais, mas que iremos extrahendo nesta secção.

Depois de Mallet publicaram-se livros e revistas sobre «damas» em toda a Europa, de que citarei «Itália damística», pelo grande teórico senhor Avigliano, e a secção de «Damas» de «A Estrategia», revista de xadrez do Porto (Portugal), dirigida por Henrique Guilherme Pereira da Cunha, grande compositor de problemas, tendo-se publicado em Espanha, depois de Mallet, os seguintes: Garcés (1884), Cecina (1878), Padrino (1879), Sola y Rovira (1819), Losano (1772), Moya (1875), Granados (1900), Marcos (1902) e, finalmente, o dr. Cárceles Sabater (1905), que é a melhor de todas as obras conhecidas, ainda que não fosse terminada pelo seu autor, que pensava publicar mais volumes. Posteriormente à publicação destes artigos, conhecemos o forte impulso dado às «Damas» em Portugal pelos srs. Augusto Teixeira Marques, David Fernando Martins, Francisco A. Henriques, capitão Evaristo António Borges e outros distintos e entusiastas «damistas» portugueses.

Além das obras citadas nada há, ou quasi nada se tem feito em Espanha, pois só conhecemos uma secção de «damas» de um periódico de Barcelona, da qual mais vale não falar.

CAUSAS DO ATRASO

Já citámos num dos nossos artigos anteriores uma delas: a falta de uma unidade regulamentar internacional. Esta causa é tão exagerada em Espanha, que não existe um regulamento verdadeiramente oficial do jogo, e por isso em cada região há as suas discussões sobre diferentes concepções das leis do jogo. Já vimos o que se passa sobre a cor das casas onde se joga.

A outra causa de atraso da teoria é o falso conceito que muitos têm que o jogo das «damas» é muito fácil. Isto é um erro tremendo, e este erro, em que caem quasi todos os aficionados do xadrez, está sómente baseado no desconhecimento

do jogo. Este erro motiva que se afastem do nosso jogo todos aquêles que conhecem bem as novas teorias sobre o xadrez, pois que se dedicassem seus estudos às «damas» chegariam a pô-las no seu verdadeiro lugar.

Para que os nossos leitores se capacitem deste erro copiamos, em continuação, a opinião de Edgar Poe sobre o xadrez e as «damas», e logo acrescentaremos algum argumento nosso:

«Um cálculo não é por si mesmo uma análise, uma observação. Um jogador de xadrez, por exemplo, faz muito bem um sem o outro. Disso se deduz que o jogo de xadrez está muito mal apreciado nos seus factos sobre o espirital. Aproveito esta occasia para proclamar a alta potencia de reflexão e muito mais activa e proveitosamente explorada pelo modesto jogo das «damas». No xadrez, onde as peças são dotadas de movimentos diversos e estranhos (bizarras, no texto de onde traduzimos) e representam valores diversos e variados, a complexidade está tomada por profundidade. A atenção está posta em jogo de uma maneira extrema. Se se descuida um só instante, comete-se um erro que custa uma peça perdida ou uma derrota. Como os movimentos são não sómente variados mas também desiguais em potencia, as probabilidades de tais erros são muitas; e em nove de cada dez casos é o jogador mais atento o que ganha, e não o mais hábil. Nas «damas», ao contrario, onde o movimento é simples as probabilidades de inadvertência são muito menores, e a atenção não está absoluta e inteiramente aplicada, e todas as vantagens são para o jogador que tenha uma perspicacia superior.

Embora não estejamos totalmente de accordo com Edgar Poe, estamos-lo no fundamental, e acrescentemos que o jogo das «damas» é mais científico, mais exacto e, sobretudo, mais espanhol que o xadrez. É mais científico, pelo que disse Edgar Poe, e porque além disso não cabe tanto a inspiração já que os cálculos hão-de sujeitar-se a menos regras. Succede nas «damas» como nos finais de peões no xadrez, que já conhecem todos os xadrezistas desde Philidor como a parte mais difficil de xadrez; pois bem: em xadrez são só oito peões, o máximo, e nas «damas» são doze.

(Continua)

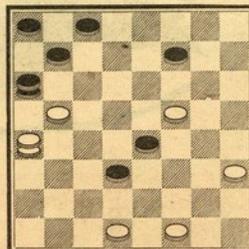
ERRATA

Tendo sido truncada uma parte do artigo publicado no nosso último número (n.º 169) sobre o «Estado actual da teoria do jogo das «Damas» — Causas do seu atraso», inseri-la-emos novamente no próximo número.

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 47 (Concurso)

Por Raúl Duarte Girão
(Pernes)



Jogam as brancas e ganham.

ATENÇÃO

Num dos próximos números publicaremos um magnifico trabalho de Francisco Henriques, de Almeirim.

Ventura
vai ...às onze!



— Meu caro Ventura, espero que venhas passar um bocado da noite a minha casa. Verás que te divertes...



— Minha filha executará algumas peças ao piano, meu filho tocará violino, minha mulher recitará algumas poesias e, ás 11, ceamos...



— Pois bem, meu bom amigo, ás 11 em ponto lá estarei...

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA
ALIANÇA
PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre
Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição
de «VIDA MUNDIAL»

CATEDRALES

Por FERNANDO ALBERTO PIMENTEL

Desenho de Rudy

«Catedrales» é como os episódios designam os toiros de lide de avantajado peso. A novela que se segue não mais é do que a transcrição das notas do meu caderno de apontamentos lidos em certo verão, numa aldeia ribatejana, e nela está encerrado o pequeno drama que serve de fundo a este trabalho. Só por certas razões se mantém o anonimato das personagens, aqui encobertas por pseudónimos.

MANHÃ clarinha, já os rumores da lezíria chegavam até ele. Eram sons dispersos, gritos e exclamações, huchinhos, mugidos, relinchos, cacarejos, enfim, uma melodia cheia de ritmos, de cóer e de força. Estava pronto.

Seu corpo flexível e delgado, tinha graciosidade no traço simples e elegante. Abriu as pernas rijas, endireitou a cabeça, deixou-se beijar pelo solho da manhã, respirou fundo, entreabriu os lábios papudos e rosados, bebeu a aragem com satisfação e gulodice e, da soleira da porta, deixou seus olhos correr pela plena e farta campina, até àquêle extremo em que o verde se misturava com o azul do rio e as salinas pareciam milhões de estrelinhas, cintilando, talhando ao sol.

Era galante o moço, bem formado de corpo e de nervos, e merecia que um pintor o retratasse.

Mela branca, calça azul, facha rubra, camisa de casimira, colête encarnado e, a completar o quadro, uma cabeceira pequena, onde rolavam, espertos e maliciosos, olhos pretos.

De além do muro, ouviu-se um ruído mais forte. *Pimpão* talvez se sentisse desconsolado nessa manhã.

Cruzado de Miura, por parte da mãe, e de Palha Blanco, pelo pai, tinha da progenitora a elegância e o tipo ativo, e do pai a força.

— Estás triste, *Pimpão*? Farel com que salas com a manada; o curral do papá?

Carlitos sentia-se triste. Gostava de vê-lo correr, elegante, cheio de força, e, de súbito, parar, fincar as patas negras no terreno, erguendo ao ar o focinho e olhando em redor.

Depois, nova corrida; já a mãe espatifara a cabeça numa dessas falgazas correrias: era preciso ter cuidado, tal também não lhe fosse acontecer. O adolescente colocou o dedo nos seus cabelos louros o barrête verde de barra vermelha e ouviu a voz de D. Luís, seu pai. Depois, embrenhou-se no bosque de bastas faias, que o separava dos currais, para brindar o *Bato* com um torrão de açúcar — como ele gostava de seu *Bato!* — e delectar-se à vista do *Pimpão*.

Abria os olhos a ver toiros, a sentí-los, a conhecer as suas manhas, e habituara-se a ser mais astucioso do que eles. Desde menino, e menino ele era, que as lides taumomágicas haviam feito dele um verdadeiro aficionado. Nêle corria o sangue de antepassados aguerri-dos e fortes, e o prazer da aventura das largas correrias à rédea solta, herdara-o dos seus avoengos de Ceuta, daquele barbudo e remoto capitão de ilustre memória que acompanhara o Gama na hora incerta do descobrimento do caminho marítimo para as longínquas e ricas terras do Império das Índias.

Nas ferras e tentas, o sangue fervia-lhe. Era sempre o primeiro, de pampilho ao alto, firmes estribos, seguro na sela, e certo da rédea, na dura tarefa de juntar o gado tresmalhado.

Apreciava o bom vinho do Cartaxo, dançava alrosamente o *Verde-Gato* ou o *Fandango*, e não se passava Julho algum sem que ele mais o pai, elegantes nos seus *baios*, não fossem de corrida até à Barquinha, escoltados pelos campinos da casa, assistir às festas do «Colête Encarnado».

Filho do Ribatejo, amava a lezíria, respeitava o touro, mas não o temia, porque, valente como era, tinha a certeza de si mesmo.

E raro era o dia em que ele, numa corrida louca, se não lançasse pela lezíria num desafio à sua irmã Gabriela e ao «Mercedes» do último modelo, desafio que ficava — ele o dizia — indeciso entre a actualidade e o passado cheio de tradições.

Em Espanha lidara um «Miura» na propriedade de D. Pepe.

Lidara-o dextramente, e a sua última «natural» deixara o velho ganedeiro maravilhado com o moço luso.

Um dia viera a Lisboa, e essa primeira torrada, de que guardava viva recordação, despertara nêle todo o instinto, tóda a galhardia e coragem, até aí não reveladas, mas que agora lhe jorrava da alma em impetuoso caudal.

Raro, porém, era o dia em que, com pasmo dos seus empregados, se não treinasse no «redondel» da praça privativa do pai, nas «verónicas» e «navarras», com o forte e terrível *Pimpão*.

Seus olhos sorriam, o corpo firme não cedia, depositando cega confiança no capote azul e encarnado que manejava com a elegância e a segurança de um «diestro», e que luzia ao sol.

Tinha beleza, encerrava poesia, era genuinamente português e dir-se-lhe destinado, o galhardo rapazinho, a ser símbolo da raça toureira.

Não dera ainda meia dúzia de passos no pequeno bosque de faias. Detivera-se um pouco a observar um passartito e dispunha-se a partir quando lhe surgiu sua mãe, a Condessa do Casalinho, trazendo pela arreata um belo e nervoso cavalo, e que calmamente regressava do seu costumado passeio matinal. Ninguém lhe percebia os quarenta anos no rosado da face, na linha harmoniosa do corpo, na leveza de tóda a sua pessoa.

Vestia um elegante fato de amazona, de veludo preto, que a tornava mais alta, adelgacando-lhe as formas roliças e o pequenino chapéu, cuja pena de pavão a brisa agitava, completava a graça e a sedução que de tóda a sua pessoa dimanava.

O fuste de uma faia próxima serviu-lhe para prender o cavalo; e, sentando-se no tronco de uma das árvores recentemente abatidas, aguardou que o filho viesse ao seu encontro, colocando sobre as pernas o chicotinho de castão de ouro e começando a descalçar as luvás. Carlos beijou-lhe a boca.

— Bom dia querido, onde vais?

— Vou ter com o papá aos currais, pois gostava que ele autorizasse a ida para o *Pimpão* seguisse com a manada para a lezíria.

A condessa mirou-o um pouco. O seu olhar todo era ternura para o gracioso rapazinho.

— Mas qual a razão do teu pedido, meu filho?

— É que eu, querida mamã, sinto um prazer louco em o ver correr, em acompanhá-lo num galope muito rápido e, no fim, mamã, brincar com o *Pimpão*.

E sorria-se àquela idêta agradável.

— Toma cuidado, Carlitos, pois que o *Pimpão* não é para brincar-lhe, e diz teu pai que ele anda, cada vez mais, de mal a pior.

O rapazinho endireitou-se mais, e muito sério respondeu:

— Não tenho medo do *Pimpão* nem de nenhuma dessas «catedrales». Foram lidados por meus avós, são lidados pelo papá e serão lidados por mim.

Falara cheio de convicção, falara com a alma de um verdadeiro toureiro.

A Condessa do Casalinho passou-lhe a mão pelos cabelos loiros, reteve alguns nos dedos, delectou-se ao sentir aquela impressão de fios de seda correndo-lhe entre o polegar e o indicador, e afirmou-lhe:

— Seja como for, meu querido, é preciso ter cuidado, pois lembra-te de que teu avô morreu ao lidar uma dessas vossas «catedrales».

O pequeno ficou inquieto um curto instante, e quasi debilmente inclinou da mãe.

— E não achas, mamã, que ele morreu como um verdadeiro homem das lezírias?

A condessa levantou-se e, retomando as rédeas do cavalo, apanhou num gracioso gesto a cauda do vestido, sumindo-se no bosque de faias, graciosa e bela, tal como em certa manhã de há vinte anos, um simpático moço destemido, chamado Luís, a havia visto e logo amado.

E, dentro em pouco, após haver insistido com o pai, Carlitos montava, alinhando ao lado dos bravos campinos.

O *Pimpão* seguia, altaneiro e airoso, a caminho da lezíria.

Ainda mal a névoa que cobria a lezíria tinha a noite se havia levantado, já corriam à rédea solta em garbosa e galharda cavalgada, campinos, cavalos e toiros.

O campo perdia-se de vista; à sua beira, o rio corria para a barra. D. Luís não perdera, com a idade, a destreza e o altivo porte do marialva de lei que fora na mocidade.

A seu lado, o filho era como que a imagem viva da mocidade destemida do pai. Não se corre à rédea solta em lezíria sem um frémito de emoção. Havia a ânsia de galopar mais rápido, e parecia que os cavaleiros a transmitiam às montadas. Peitos de homens e de cavalos arfavam.

A pouco e pouco a corrida arbrandou, pois se resolvera que, para lá da segunda lezíria, já avistada, se parasse, deixando o gado pastar. Sentindo-se como peixinho na água e, ao lado de seu pai, o já velhote Manuel Arnoço é como que o símbolo do velho e valente Ribatejo. *Pimpão* está sossegado; resolvera brincar e encontrara companheiros propícios.

Depois, isolara-se e quedara no meio da lezíria. Era elegante; o focinho bem proporcionado, a cabeça expressiva, ativa.

As linhas do corpo tinham algo de escultural, e desde a ponta das hastes, bem colocadas, curtas, de grossura mediana, cravadas em bom sítio e de cóer esverdeada, até ao extremo da cauda, todo êle era formosura e rjeza. O pélo, de um negro de azevilhe, sedoso como era, brilhava ao sol, e o toiro calmo, seguro de si mesmo, era como parte integrante indispensável da festa lezíria, tranquilidade e romântica, ainda mais cheia de poesia com aquele pequeno nada de vela, cóer de tejo, remendância de amarelo acastado, dura saveira que, remansosa, descia o rio. E, antes de se juntar à manada, *Pimpão* parecia indeciso, contrariado por deixar aquela liberdade. Depois, uma corrida, um «Eh! toiros!», que rasga a tranquilidade manhã luminosa, um grido solto a plenas pulmões por um campino.

Aquêle ruído assustara toiros e cavalos. Produzira-o um auto de desporto, além na estrada, à beira da lezíria.

(Continua na pág. 16)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA
REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.ª - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.^{da} — Trav. Condessa do Rio, 27